

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

BRUNO CRUZ DA SILVA

REINO DIVIDIDO, FERIDAS PUNGENTES: O PAPEL DA IGREJA CATÓLICA NA
DITADURA MILITAR ARGENTINA
(1976-1983)

Guarulhos,
2019

BRUNO CRUZ DA SILVA

REINO DIVIDIDO, FERIDAS PUNGENTES: O PAPEL DA IGREJA CATÓLICA NA
DITADURA MILITAR ARGENTINA

(1976-1983)

Monografia apresentada à Universidade Federal de São Paulo, Escola da Filosofia, Letras e Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Martins Villaça

Guarulhos,

2019

SILVA, Bruno Cruz da.

Reino dividido, feridas pungentes: o papel da Igreja Católica na ditadura militar argentina (1976-1983) / Bruno Cruz da Silva – Guarulhos, 2019

Nº f 90.

Trabalho de conclusão de curso (graduação em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

Orientadora: Mariana Martins Villaça

Título e inglês: Divided Kingdom, pungent wounds: the role of the Catholic Church in the Argentine military dictatorship (1976-1983).

BRUNO CRUZ DA SILVA

REINO DIVIDIDO, FERIDAS PUNGENTES: O PAPEL DA IGREJA CATÓLICA NA
DITADURA MILITAR ARGENTINA
(1976-1983)

Monografia apresentada à Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado
em História.

Orientadora: Profa Dra. Mariana Martins Villaça

Trabalho aprovado em: dia ____ de _____ de 2019

_____ -

Profª Drª Mariana Martins Villaça (Orientadora)

_____ -

Profª Drª: Graciela Alicia Foglia (Unifesp)

_____ -

Profº Drº. José Carlos Vilaradaga (Unifesp)

A Caelson e Nalva, meus pais, com muita gratidão.

Agradecimentos

É demasiadamente complexo condensar em poucas linhas minha gratidão a todos aqueles que direta ou indiretamente agregaram valores a minha vida ao longo desta entusiasmada e agradável trajetória, contribuindo diretamente ao desfecho deste trabalho. Portanto, farei o possível para tornar palpáveis os sentimentos que guardo em meu coração por cada um de vocês que marcaram indelevelmente esta experiência.

Agradeço a minha família que desde o início tem me apoiado e acreditado que sonhos existem para serem realizados. Agradeço aos meus pais, Caelson e Nalva, que sempre acreditaram no meu potencial e não mediram esforços para ver meus sonhos se realizarem. Foram eles quem enxugaram minhas lágrimas nos momentos de angustias e pagaram as pizzas em meio às bonanças, levantaram (e ainda levantam) em meio às madrugadas, trabalharam mais que o habitual e converteram suas energias, ainda que poucas, no objetivo de tornar esta conquista real. Pai, mãe, o meu coração será eternamente grato por tudo o que fizeram, fazem e ainda farão por mim. Amo vocês!

Agradeço à minha noiva Rafaella Couto que pacientemente tem suportado e compreendido minhas ausências em função das tarefas acumuladas ao longo destes quatro anos. Sou grato por serenamente ouvir minhas constantes queixas em referência aos impasses gerados ao longo da graduação; por todo amor e carinho que tem me dedicado. Agradeço por ter sido coluna nos momentos em que meu teto parecia desabar. Agradeço aos meus sogros Daniel Braz e Izabel Braz, também ao meu cunhado Gabriel Braz, que sempre me incentivaram a prosseguir apesar das inúmeras tempestades.

Agradeço à minha parceira Mayumi Hirayama que apesar da timidez inicial tornou-se uma amiga que anseio carregar por toda a vida. Obrigado pela companhia nos corredores, no bandeirão, na biblioteca, no arco, no laboratório, no museu da Liberdade, no supermercado, no Pimentas. Sou grato por todos os incentivos, conselhos e repreensões que compartilhou comigo em momentos de euforia e lamentações. Obrigado por revisar alguns dos meus trabalhos e por todas as piadas internas que criamos ao longo destes anos. Agradeço por ter sido uma companhia fiel ao longo do curso e aceitado minha agradável amizade que só lhe fez bem. *Making my way downtown, walking fast, faces passed and I'm home bound.*

Agradeço ao Anderson Ribeiro com o qual tive o imenso prazer de conviver abaixo do mesmo teto por quase três anos. Obrigado pelos inúmeros conselhos de vida,

leitura dos meus textos acadêmicos, problematizações, desabafos e compreensão, os quais foram essenciais para nossa convivência ao longo destes anos. Sou grato por sua disposição em ser ouvidos e ter me proporcionado a experiência, embora curta, de sentir o que é ter um irmão mais velho com quem eu poderia contar. Faço questão de cultivar sua amizade para além da graduação.

Agradeço ao André Godinho, parceiro descomunal. Obrigado por me assistir num dos momentos mais delicados desta jornada. Os breves trinta dias que compartilhamos no início de 2016 foram memoráveis, nos quais descobrimos habilidades de humor outrora ocultas. Sentirei falta em encontrá-lo nos corredores, às segundas-feiras, pós-SanSão e das irreverências dentro e fora de tempo. Você marcou minha trajetória. Ao Daniel Costa, meu grande parceiro sociólogo. Sou infinitamente grato por todo momento de debate e reflexão que tivemos acerca de assuntos diversos. Obrigado por todo socorro prestado nos momentos em que o desespero fez questão de se manifestar. Você me ensinou valores fundamentais para a vida.

Ao Ney e ao Felipe, amigos que a universidade e o Pockets me deram. Vocês me ensinaram o valor de se cultivar amizades sinceras. É motivo de muito orgulho tê-los caminhando ao meu lado compartilhando de momentos marcantes. Aos Pockets, Guilherme, Gustavo, Iris, Rebeca (1), Rebeca (2), Bruno, Ana, Clara, Lira, Lara, Claudemir, Peter, Laís, Matheus, Amanda, Bianca, Cris, Bia muito obrigado por terem acreditado em mim e naquilo que Deus me separou para realizar na Unifesp.

Ao Erik, Leonardo Marques, Liuria, Thuany, Marcos Mello, Gabi Andrade, Gabi Ramos, Milena, muito obrigado pelos trabalhos e momentos de descontração que tivemos ao longo da graduação. A sala do PET, Centro de Memória e o Bandeirão foram pontos de encontro que nos permitiram amplas discussões acerca de assuntos dos mais complexos aos mais insignificantes. Liuria, em especial, obrigado pelos amendoins.

À minha orientadora, Mariana, ficam meus mais sinceros agradecimentos. A você que confiou e incentivou meu trabalho desde o início. Obrigado pela paciência e por toda disposição em atender às minhas necessidades acadêmicas extra-pesquisa. Minha evolução no curso passou muito por sua orientação. Aos integrantes do Laboratório de Pesquisa de Histórias das Américas, em especial aos colegas Alexandre Queiroz, Vinicius Barbosa e João Victor pelas ideias discutidas e indicação de leituras que contribuíram ao enriquecimento deste trabalho.

Durante esta pesquisa tive a feliz oportunidade de viajar à Argentina onde fui assistido com muito respeito e elegância por profissionais dedicados ao ofício da História. Agradeço às professoras e historiadoras Claudia Touris, Suzana Taurozzi e Maria Florencia Contardo que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho problematizando-o e ampliando meu horizonte de pesquisa. Meus sinceros agradecimentos à professora do departamento de História da Universidade de São Paulo Stella Maris Scatena Franco por indicar o contato das professoras. Aos profissionais do *Archivo Nacional de la Memória* e do *Memória Abierta*, Anibal Calvo e Carina (apelido), por toda paciência e dedicação em separar as documentações necessárias que deram vida a esta monografia. Das inúmeras trocas de experiências que tive com o senhor Calvo, inevitavelmente permanecerá nossa divergência sobre o melhor entre Pelé e Maradona.

Agradeço ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva que acreditou no potencial da classe trabalhadora abrindo as portas das Universidades públicas de qualidade rompendo com o paradigma da divisão de classe onde poucos tinham as reais condições de ingressar no ensino superior. Sua trajetória de vida e história política nos impulsionam a permanecer acreditando na força que há entre aqueles que pouco tiveram voz. Mantenho a esperança de ver a justiça cumprir com seu papel e determinar a inocência política do ex-presidente.

Agradeço ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) pela bolsa que me possibilitou trabalhar com mais tranquilidade.

“Because every night I lay in bed
The brightest colors fill my head
A million dreams are keeping me awake
I think of what the world could be
A vision of the one I see
A million dreams is all it's gonna take
A million dreams for the world we're gonna make.”

(B. Pasek e J. Paul)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo investigar e compreender historicamente o papel da Igreja Católica durante a ditadura militar que vigorou na Argentina entre os anos de 1976-1983. Tal convivência se idealizou tanto de forma visível, em âmbito público, por meio de declarações oficiais e da atuação institucional da Igreja, como de forma menos visível, em âmbito “privado”, por meio, por exemplo, da ação de padres que estiveram presentes durante sessões de tortura praticadas por agentes militares contra presos políticos, em busca de informações a respeito das atuações consideradas “subversivas”. Para o Estado, o apoio institucional católico através da alta hierarquia do Episcopado foi fundamental para legitimar sua política de controle social. Em contrapartida, a Igreja alinhava-se ao Executivo a fim de cumprir com o propósito de tornar a Argentina um Estado político confessional. Por outro lado, identificou-se conflitos teológicos no interior do catolicismo mediante o engajamento de religiosos terceiro-mundistas empenhados em resistir às ofensivas político-ideológicas do aparelho de Estado.

Palavras-chaves

Ditadura argentina, Igreja Católica, Terror de Estado.

Abstract

The present work aims to investigate and understand historically the role of the Catholic Church during the military dictatorship that prevailed in Argentina during the years 1976-1983. Such connivance was idealized both visibly, in the public sphere, through official declarations and the institutionalized activity of the Church, as in a less visible way, in a "private" sphere, through, for example, the action of priests who were present during torture sessions conducted by military agents against political prisoners in search of information about acts considered "subversive." For the state, Catholic institutional support through the high hierarchy of the episcopate was fundamental to legalize its policy of social control. On the other hand, the Church aligned itself with the Executive in order to fulfill the purpose of making Argentina a confessional political state. On the other hand, theological conflicts within Catholicism were identified through the engagement of Third World religious committed to resisting the politico-ideological offensives of the State apparatus.

Keywords

Argentine dictatorship, Catholic church, State terror.

Lista de Abreviações

CEDIC – Centro de Documentação e Informação Científica

CONADEP – Comissão Nacional Sobre o Desaparecimento de Pessoas

CLAMOR – Comitê de Defesa dos Direitos Humanos Para os Países do Cone Sul

ESMA – Escuela de Mecánica de la Armada

MSTM – Movimento dos Sacerdotes Para o Terceiro Mundo

Sumário

Apresentação.....	14
Introdução	20
1. “Assim na Terra como no Céu”: o vínculo político entre Igreja Católica e Estado argentino.....	26
1.1 <i>A década de 1930 e o projeto de Nação Católica</i>	27
1.2 <i>Igreja e Peronismo: uma relação conflituosa</i>	29
1.3 <i>O Golpe, O Estado, A Igreja</i>	32
2. O paraíso em meio às trevas: o protagonismo decisivo do Episcopado na ditadura militar argentina.....	41
2.1 O político, a Igreja e os espaços de sociabilidade.....	41
2.2 Avanço conservador e legitimação ideológica do aparelho de Estado.....	46
2.3 Uma Igreja contestadora.....	57
2.4 A Igreja Argentina chega ao Vaticano: debate em torno de Jorge Mário Bergoglio.....	61
3. Conclusões	67
4. Fontes, sites e acervos	73
5. BIBLIOGRAFIA.....	80
6. Anexos.....	84

Apresentação

O trabalho que se segue é fruto da nossa pesquisa de iniciação científica¹, desenvolvida na mesma universidade, que perdurou entre novembro de 2016 e julho de 2018, para a qual contamos com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Para esta fase da pesquisa, postulamos acrescentar os seguintes novos objetivos a ponto de cumprir com o desafio de complementar os resultados obtidos ao longo da investigação. Os pontos tratariam de trabalhar abordagens que: 1) Dedicariam ao aprofundamento das discussões que permeiam o debate historiográfico em torno da problemática do fenômeno da ditadura militar argentina em aspecto político-social, priorizando a relação entre Igreja e Estado; 2) buscar-se-ia identificar nos discursos de Jorge Rafael Videla alegações que mencionem o papel simbólico da Igreja Católica no *Proceso de Reorganización Nacional* e sua atribuição no dever de “resgatar” à nação os valores morais identificados com o catolicismo argentino; 3) nos empenharíamos em identificar, a partir das fontes levantadas e analisadas ao longo da Iniciação Científica, as redes de conexões entre sacerdotes, cúmplices ou vítimas do Terror de Estado segundo sua posição hierárquica; 4) Por fim, reconhecendo a heterogeneidade política intrínseca à Igreja argentina, buscaríamos mapear, como objetivo secundário, discursos antissemitas entre sacerdotes ultraconservadores e possíveis alianças com membros do partido nazista que desembarcaram na Argentina a partir da década de 1950.

Contudo, não foi possível avançar nestes novos objetivos em função dos compromissos profissionais assumidos pelo autor, os quais interferiram no tempo pretendido a ser dispensado a estas complementações. Essa monografia tem, portanto, basicamente o mesmo teor e estrutura do relatório de Iniciação Científica, com alguns acréscimos pontuais principalmente no tocante aos pontos 1 e 3, nos quais nos encarregamos de analisar os trabalhos de Alexandre Queiroz², Aline Coutrot³ e Jean-

¹ O papel da Igreja Católica na ditadura militar argentina (1976-1983).

² QUEIROZ, Alexandre de Oliveira. *A Revolução no Paraíso: Resignificações do conceito de Libertação na Igreja latino-americana (1968-1979)*. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2018, 353 F.

³ COUTROT, Aline. *Religião e Política*. In REMOND, René. *Por uma História Política*; tradução de Dora Rocha. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

François Sirinelli⁴ a fim de aguçar nossa compreensão acerca da relação interna entre Igreja Católica e Estado, bem como as idiosincrasias das redes de sociabilidade do catolicismo argentino.

Na busca de trabalhos historiográficos (livros e artigos) que pudessem embasar teoricamente o desenvolvimento desta investigação, notamos considerável escassez de produções acadêmicas dedicadas exclusivamente à temática da relação política entre Igreja Católica e Governo durante o recorte temporal proposto. Os trabalhos consultados em primeira instância foram respectivamente *Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850-2002)*, editora 34, de Boris Fausto e Fernando J. Devoto, e *A ditadura militar argentina: do golpe de Estado a restauração democrática (1976-1983)*, editora Edusp, de Marcos Novaro & Vicente Palermo, os quais tratam, sob um viés histórico, brevemente da cooperação da Igreja Católica argentina como parte do processo que colaborou para a efetividade do golpe, no entanto sem profundidade específica. Um terceiro trabalho consultado para esta investigação que, embora seja dedicado exclusivamente à Igreja Católica argentina, porém não aprofundando a complexa e conflituosa realidade política na qual a instituição emergiu pós década de 1970, foi o trabalho dos historiadores Roberto di Stefano e Loris Zanatta, *Historia de la Iglesia Argentina: desde la conquista hasta finales del siglo XX* (2000), editora Sudamericana.

Foram levantados, em seguida, três trabalhos específicos de investigação dedicada à Igreja Católica durante o último regime militar argentino, sendo os trabalhos do historiador Martín Obregón (2005) *Entre la cruz y la espada: la Iglesia Católica durante los primeros años del “proceso”*⁵ e *La Iglesia argentina durante el “Proceso”*, publicado no mesmo ano, e o livro do escritor e advogado Emilio Fermín Mignone (1986) *Iglesia y dictadura: el papel de la iglesia a la luz de sus relaciones con el régimen militar*, ediciones del pensamiento nacional, o qual nos assegurou preciosas informações acerca de detalhes específicos sobre clérigos coniventes com o aparato repressivo, bem como denúncias de participações ativas destes agentes religiosos durante o regime militar.

⁴ SIRINELLI, Jean - François. *Os intelectuais*. In REMOND, René. Por uma História Política; tradução de Dora Rocha. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

⁵ O livro de Martín Obregón dedica-se à análise histórica do corpo político católico durante a ditadura militar, bem como os conflitos internos acentuados após o Concílio Vaticano II. Obregón investiga as complexidades inerente ao corpo político sacerdotal católico no tocante aos distintos posicionamentos adotados por prelados compromissados uns com pautas conservadoras e outras progressistas, além, é verdade, de como esses conflitos geraram debates e enfrentamentos entre defensores e questionadores da realidade social argentina entre os anos 1976-83.

Pretendemos utilizar este trabalho também como fonte histórica, considerando o ano em que foi publicado.

Entretanto o grande desafio desta jornada se deu no processo de levantamento dos registros históricos primários. Podemos dividir a trajetória desta “caça ao tesouro” em três fases específicas, sendo a primeira a garimpagem *on-line*, a segunda a pesquisa no Centro de Documentação e Informação Científica (CEDIC), integrado à PUC/SP, e a última nos departamentos de pesquisa do *Memoria Abierta* e *Archivo Nacional de la Memoria*, ambos situados no antigo prédio da Escola de Mecânica da Armada, em Buenos Aires.

No trabalho de levantamento *on-line* pudemos encontrar documentos precisos como cartas produzidas pelo Episcopado argentino entre as décadas de 1960 e 1970, os quais fogem do nosso recorte histórico, no entanto nos serviram à compreensão dos debates internos em meio às transformações teológicas decorrentes do II Concílio Vaticano de 1962-1965. Encontramos materiais audiovisuais que registram a condenação do capelão da polícia de Buenos Aires Christian Von Wernich, depoimento de sacerdotes terceiro-munidistas produzido pelo movimento *H.I.J.O.S. Capital: hijos y hijas por la identidad y la justicia contra el olvido y el silencio*, que trata de sacerdotes que desafiaram o poder e desenvolveram trabalho de base junto ao povo, e também o depoimento de posse presidencial, após o golpe de Estado, de Jorge Rafael Videla.

No CEDIC tivemos acesso ao fundo do movimento pelos direitos humanos Clamor – Comitê de Defesa dos Direitos Humanos para os Países do Cone Sul. Embora o fundo seja rico em documentação diversa, pouco foi encontrado acerca da Igreja Católica argentina durante a última ditadura militar. Levantamos recortes de jornais que publicaram entrevista de sacerdotes, manifestações contestatárias públicas e também correspondências de representantes do órgão em contato com grupos de engajamento social argentinos.

Com o acúmulo da bolsa PIBIC que recebemos durante os meses de pesquisa, pudemos embarcar a Buenos Aires, numa viagem de nove dias, a fim de levantar fontes e referências bibliográficas uma vez que essas haviam se mostrado escassas em território nacional. Em função do tempo de proveito limitado, nos restringimos à consulta da documentação guardada pelos *Archivo Nacional de la Memoria* e *Memoria Abierta*. No primeiro – arquivo não especializado em documentos episcopais – tivemos acesso aos diários, bem como o *memorandum* do bispo Monsenhor Victório Bonamín, *Provicario*

Castrente. Segundo o atendente do arquivo, Anibal Calvo, a instituição guarda, também, o dossiê do assassinato dos padres Palotinos - os quais serão mencionados no corpo deste trabalho - entretanto não pudemos ter acesso às fontes por razões burocráticas internas.

No *Memoria Abierta* entramos em contato com a responsável arquivística Carina Carrizo, que gentilmente nos apresentou o testemunho do sacerdote terceiro-mundista Antonio Puigjané, o qual se firmou enquanto contestatário do regime militar argentino e relatou experiências pessoais no seio católico, bem como sua relação com o bispo de La Rioja Monsenhor Henrique Angelelli o qual foi assassinado por sua manifesta posição política. Carrizo gentilmente nos apresentou alguns trabalhos de caráter histórico e filosófico⁶, no entanto nenhum que contemplasse nossa investigação. Segundo a funcionária, os estudos sobre as relações políticas entre Igreja Católica e Estado são excessivamente necessários, entretanto absurdamente difíceis de se desenvolver devido a inacessibilidade de fontes disponíveis. Carina Carrizo afirmou que grande parte dos documentos foi eliminado no processo de redemocratização e outros estão fechados sob a guarda privada da Igreja Católica. De toda forma, o testemunho se mostrou útil a nossa pesquisa.

Em Buenos Aires tivemos a oportunidade de entrar em contato com três historiadoras locais, Claudia Touris (Universidade de Buenos Aires), Susana Taurozzi⁷ e Maria Florencia Contardo⁸. O contato com Claudia Touris foi possível através da professora do departamento de História da USP, Stella Maris Sctena Franco, que gentilmente nos forneceu seu contato e nos permitiu estabelecer *networking* com Touris. Claudia Touris compartilhou o eixo temático de sua pesquisa atual e indicou autores e trabalhos convergentes com nossa pesquisa. Em nossa conversa foram citadas as obras de Gustavo Morello – *donde estaba dios?*, Lucas Bilbao - *Profeta del Genocidio* – compramos um exemplar deste segundo trabalho em vista de conter a transcrição dos dicionários de Monsenhor Victório Bonamín que consultamos no *Archivo Nacional de la Memória* –, Loris Zanatta – *La larga agonía de la argentina catolica* e Maria Soledad Catoggio – *Los desaparecidos de la Iglesia*. São trabalhos que a historiadora indicou

⁶ NOVARO, Marcos. *La dictadura Militar 1976 – 1983: del golpe de Estado a la reconstrucción democrática*. – 1ª ed. – Buenos Aires, Paidós, 2003.

CRUZ, María Angélica. *Iglesia, represión y memoria: el caso chileno*.

BOZZI, Carlos A. *Luna Roja: desaparecidos de las*.

⁷ Docente da Universidade de Buenos Aires, na faculdade de Ciências Sociais.

⁸ Doutoranda em História pela Universidade de Buenos Aires, bolsista do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas* (CONICET).

crendo na possibilidade de auxiliar em nossa investigação. Touris prestativamente nos colocou em contato com Taurozzi e Contardo, que, mediante a evidente escassez de trabalhos acerca da mesma temática, recomendaram as mesmas produções. Contardo, para além dos trabalhos já apresentados por Touris e Taurozzi, nos indicou a obra de Martín Obregón – *Entre la cruz y la espada: la iglesia católica durante los primeros años del “proceso”*. Contardo auxiliou-me na procura destes livros em livrarias especializadas na região central de Buenos Aires.

Ainda em Buenos Aires constatou-se a escassez de fontes históricas pertinentes a esta investigação. Condição acentuada e justificada pelas restrições à acessibilidade aos arquivos episcopais, no entanto, os contatos estabelecidos, testemunhos coletados, bem como o diário de Mons. Bonamín acessado⁹, nos convenceram do potencial poder de enriquecimento para este trabalho, que desafia as impossibilidades estruturais a fim de contribuir à produção historiográfica de uma temática desafiadora.

Durante os meses que seguiram esta pesquisa compomos o grupo de estudos LAPHA (Laboratório de Pesquisa de História das Américas) organizado pelos professores do departamento de História da Universidade Federal de São Paulo, José Carlos Viladarga e Mariana Martins Villaça, no qual agrupam-se pesquisadores de Iniciação Científica e Pós-graduação (mestrado) dedicados a temas diversos no tocante aos movimentos históricos latino-americanos. No LAPHA, tivemos conhecimento da pesquisa de mestrado de Alexandre de Oliveira Queiroz, que investigou *A Revolução no Paraíso: Ressignificações do conceito de Libertação na Igreja latino-americana (1968-1979)*. Sua pesquisa, por tratar dos debates internos da Igreja Católica na América Latina, foi útil a nossa investigação.

Os resultados parciais e finais desta pesquisa também foram apresentados em congressos acadêmicos organizados pela mesma universidade. Apresentamos nosso trabalho, em ordem cronológica, no III Congresso Acadêmico da Unifesp (2017), Jornada Hispânica (2017), VIII Semana de História (2017) e IV Congresso Acadêmico da Unifesp (2018). Nessas oportunidades, contamos com indicações e contribuições de professores e colegas que nos assistiram, caso da profa. Graciela Foglia que analisou criticamente nossa abordagem acerca das acusações direcionadas a Jorge Mario Bergoglio, indicando-nos a

⁹ Devido ao tempo limitado de investigação que tivemos em Buenos Aires, não foi possível trabalhar na transcrição do documento, entretanto o trabalho de Lucas Bilbao e Ariel Ledesma, que deu conta deste empreendimento, nos auxilia nesta pesquisa.

referência de Horácio Verbitski, então jornalista do *Página 12*, engajado na crítica ao Papa Francisco. A seguir, apresentaremos os resultados de nossa investigação e detalharemos a estrutura do trabalho ao final da Introdução.

Introdução

A Igreja Católica é uma instituição com notável presença na América Latina desde o período colonial, portanto, acreditamos ser de suma importância investigar sua atuação social e política nos diversos períodos da História das Américas, como a historiografia nesse campo vem fazendo intensamente, com especial atenção ao período colonial. No tocante ao período conhecido como os “anos de chumbo”, na América Latina, há diversos trabalhos que focaram a atuação de parte da Igreja Católica numa perspectiva de resistência à repressão. Trabalhos sobre a Teologia da Libertação, sobre as Comunidades Eclesiais de Base¹⁰ e outras formas de atuação da Igreja afinadas com a solidariedade aos perseguidos políticos, podem ser encontrados no Cone Sul. Entretanto, há, em menor quantidade, pesquisas que se centram nas práticas de cooperação da Igreja com determinados regimes militares.

A segunda metade do século XX na América Latina foi marcada por uma onda politicamente conservadora que resultou em golpes com apoio do governo dos Estados Unidos. Sob forte discurso anticomunista e em prol do restabelecimento da ordem, ocorreram golpes que resultaram em regimes militares em países como Brasil, Chile, Uruguai e Argentina¹¹. Fruto destes golpes, a violência de Estado, calcada na Doutrina de Segurança Nacional, tornou-se notória durante os regimes militares reprimindo os chamados “subversivos” que protestavam contra as ditaduras instituídas.

Na Argentina, um golpe militar ocorreu na madrugada do dia 24 de março de 1976, levando ao poder nomes como Jorge Rafael Videla (General do Exército), Orlando Agostí (Almirante da Força Aérea) e Eduardo Massera (Brigadeiro da Marinha). Estes militares

¹⁰Há significativa produção historiográfica relacionada à Igreja Católica no cenário Latino-americano. Abaixo, algumas referências:

BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

VALÉRIO, Mairon Escorsi. *O Continente Pobre e Católico: o Discurso da Teologia da Libertação e a Reinvenção Religiosa na América Latina (1968 – 1992)*. Dissertação de Doutorado apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2012.

¹¹ PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. *História da América Latina*. – 1. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

justificaram a tomada do Estado de reestruturação e Reorganização nacional em vista da crise político-econômica¹² na qual encontrava-se o país.

Os militares argentinos contaram não apenas com o apoio de seus pares, mas com a legitimação de outra instituição que, estrategicamente, via, naquele momento, oportunidade de reforçar seu poder institucional e ampliar sua influência sobre a sociedade: a Igreja católica¹³.

Esse poder havia sido abalado durante os governos de Juan Domingo Perón, cuja doutrina “justicialista” concorria com o catolicismo tradicional. Durante o governo peronista, diversas ações sociais da Fundación Eva Perón, por exemplo, haviam tirado da Igreja um espaço de atuação significativo na sociedade, no âmbito do ensino e do assistencialismo¹⁴. Cabe lembrar que a Igreja Católica, oficialmente, mantinha em seus discursos o repúdio aos ideais comunistas, portanto, além dos atritos com o peronismo, atuava também no combate a esta ideologia (que alcançou com sucesso a ilha cubana posteriormente, nos anos 1960) e contava com simpatizantes da esquerda argentina.

Segundo os historiadores Novaro e Palermo, representantes da Igreja Católica estiveram reunidos com a cúpula militar golpista na noite de 23 de março de 1976 para expressar sua simpatia por aquela ação¹⁵. A repressão e violência empreendidas pelos militares durante a ditadura – considerada por diversos historiadores como “Terror de Estado” - foram justificadas pela igreja como sendo ações que estavam “nos planos de Deus”¹⁶. Obregón afirma ainda que a religião católica estava inerentemente ligada à sociedade argentina. A igreja não somente atuou no apoio ideológico ao plano de Reorganização, como também participou do plano de “limpeza”¹⁷, segundo nos contam

¹²FAUSTO, Boris & DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: editora 34, 2004.

¹³OBREGÓN, Martín. La Iglesia argentina durante el “Proceso” (1976-1983). *Prismas, Revista de história intelectual*, nº9, 2005, pp.259-270.

¹⁴No campo do estudo a respeito do Peronismo podemos destacar os trabalhos do historiador Paulo Renato da Silva, que dedicou seu doutorado à pesquisa da *Produção Cultural e Legitimidade Política durante o Governo de Perón (1946-1955)*. O historiador trabalha atualmente com o tema voltado ao *Peronismo, stonismo e a ‘confraternidade argentino-paraguaia’: uma revisão das relações entre Paraguai, Argentina e Brasil*.

¹⁵NOVARO, Marcos & PALERMO, Vicente. *La dictadura militar (1976-83): del golpe de Estado a la restauración democrática*. Buenos Aires: Paidós, 2003. P.31

¹⁶OBREGÓN, Martín. Op, Cit., p.p.259-270.

¹⁷Termo empregado por Fausto e Devoto correspondente ao apoio da Igreja Católica aos militares no combate contra a “subversão”.

Fausto e Devoto, de modo que também fora acusada de ter mantido graves silêncios e omissões¹⁸.

Por meio de relatos e testemunhos publicados, sabe-se que membros da hierarquia eclesiástica argentina, em missas realizadas nas penitenciárias, justificavam os atos dos militares em nome do “bem da Pátria”. Esse foi o caso do bispo de Jujuy, Monsenhor Medina, que se oferecia para receber confissões dos presos da Villa Gorriti – Jujuy de modo que os últimos dissessem tudo o que “sabiam”, segundo o testemunho de Ernesto Reynaldo Saman, disponível nos relatórios online da Comisión Nacional sobre La Desaparición de Personas (CONADEP), *Nunca Más*¹⁹.

Outro caso que demonstra a posição conivente da Igreja em relação à prática de tortura se encontra no relato do sindicalista Plutarco Antonio Schaller, que diz ter suplicado ao padre Pelandá López que rogasse por ele devido a terrível tortura que sofria, entretanto, a resposta do padre foi negativa, dando a entender que seu sofrimento era ocasionado pela não colaboração com os militares. Em outra ocasião, rogando ao padre novamente, em vista de seu brutal sofrimento, o religioso chegou a dizer que a vítima não tinha autoridade para se queixar da tortura²⁰. Esses são apenas alguns exemplos de testemunhos que existem sobre a relação de representantes da Igreja católica com vítimas da ditadura que pretendemos somar a outros a fim de analisar historicamente como essa instituição se posicionou ou procedeu em relação aos mecanismos de repressão instituídos pelos militares.

No plano ideológico, devemos destacar que a igreja contava com uma organização externa não pertencente à hierarquia institucional, mas que contribuía para o fortalecimento do ideário disseminado pela instituição. Referimo-nos à TFP (Tradição, Família e Propriedade). Organização que não agia somente dentro das fronteiras platinas, mas que se distribuía por outras nações, inclusive no Brasil. Abaixo, um trecho extraído de um documento publicado no período focado por nossa pesquisa, que expressa os princípios ideológicos da TFP:

La Sociedad Argentina de Defensa de la Tradición, Familia y Propiedad (TFP), entidad cívica fundada en 3 de abril de 1967, tiene por finalidad la

¹⁸ SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. As várias faces da igreja católica. S.d.

¹⁹Testemunho de Ernesto Reynaldo Saman, disponível em: <<http://www.desaparecidos.org/arg/conadep/nuncamas/>> acessado em 25/09/2016.

²⁰Testemunho de Plutarco AntonioSchaller, disponível em: <<http://www.desaparecidos.org/arg/conadep/nuncamas/>> acessado em 25/09/2016.

preservación de los principios básicos de la Civilización Cristiana; principios que, a su vez, sirven de fundamento a las instituciones de nuestra Patria, y son especialmente atacados em nuestro días por el “progresismo”, el socialismo y el comunismo²¹.

Para além dos atributos inerentes ao discurso político-ideológico da TFP, o Vicariato Castrense, órgão vinculado ao Episcopado, responsável em prestar assistência religiosa às Forças Armadas, serviu como força legitimadora da repressão aplicada pelo Estado. Segundo Martín Obregón (2005), o Vicariato Castrense, por suas características, constituiu-se como instrumento de assistência psicológica aos capelães que, receosos acerca dos métodos aplicados pelo Estado, se mostravam duvidosos quanto as formas violentas que teriam de aplicar²².

Como órgão de assistência religiosa aos militares, o Vicariato Castrense foi alvo de familiares de desaparecidos católicos que buscavam respostas acerca do paradeiro de seus parentes. Victório Manuel Bonamín, *provicario castrense*, foi um dos representantes da hierarquia episcopal que conviveu com os constantes questionamentos acerca dos desaparecidos. Segundo Bilbao e Ledesma, o sacerdote exerceu ambíguas tarefas no Vicariato uma vez que, tendo acesso direto aos militares e seus procedimentos, prestou solidária assistência a requeredores mais chegados, contudo, correspondendo contrariamente aos anseios de outros grupos que o sondavam, não obstante distantes de qualquer relação pessoal com o religioso²³.

O desenvolvimento desta investigação apresentou dissidências ideológicas sacerdotais no âmago do Episcopado argentino. Para além da real convivência por parte da hierarquia episcopal com o aparelho de Estado, a Igreja também contou com sacerdotes engajados na política de base sendo eles, em sua maioria, integrantes do Movimento de Sacerdotes Para o Terceiro Mundo, organização coletiva influenciada pela corrente teológica da Teologia da Libertação. Dois claros exemplos que analisaremos ao longo deste trabalho são as mortes de Monsenhor Angelelli, bispo da diocese de La Rioja, e dos Padres Palotinos, os quais sofreram atentado em frente à paróquia na qual congregavam.

²¹SOCIEDAD ARGENTINA DE DEFESA DE LA TRADICION, FAMILIA Y PROPIEDAD. Reseña de actividades de la TFP desde su fundación. Sociedad Argentina de Defensa de la Tradición, Familia y Propiedad. 07 de octubre de 1978. p. I.

²² OBREGÓN, Martín. Entre la cruz y la espada. La iglesia católica durante los primeros años del “Proceso”. – 1ª ed. – Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2005. P.92.

²³ BILBAO, Lucas: LEDESMA, Aryel. Profeta del Genocidio – 1ª ed. – Buenos Aires, Sudamericana, 2016.

As fontes históricas consultadas para este trabalho estão distribuídas em diferentes espécies documentais como recorte de jornais, material audiovisual, diários, relatórios e denúncias de vítimas da repressão do aparelho estatal. O cuidado metodológico com cada uma das espécies de fontes deve considerar o olhar do historiador para as particularidades do lugar de produção de cada categoria e suas especificidades de formato e linguagem. Temos de reconhecer que uma notícia publicada num jornal, por exemplo, deve ser problematizada a partir do lugar de produção do noticiário. Uma entrevista concedida por figuras centrais do catolicismo argentino a qualquer veículo de comunicação deve, portanto, ser analisado com exímio cuidado no que se refere a forma como seu discurso é conduzido. No tocante às manifestações públicas de expoentes da Igreja, é problemático desconsiderarmos o compromisso institucional que estes sujeitos cultivam, portanto é pertinente que o historiador analise com maior rigor especificamente os significados do não-dito nos discursos. Esta é uma tarefa que nos empenhamos em cumprir.

Segundo a historiografia, a atuação da Igreja Católica na ditadura argentina (1976-1983) começou a se distanciar do Regime militar quando o governo de repressão passou a entrar em crise nos anos 1980, principalmente no contexto de Guerra das Malvinas²⁴. Após o fim da ditadura, a Igreja Católica passou a conviver com uma série de acusações de crimes contra os direitos humanos, acusações das quais foram alvos os principais idealizadores do “*Proceso de Reorganización Nacional*”. Recentemente, após ter sofrido acusações de também ter contribuído com a repressão militar, o Papa Jorge Mario Bergoglio (Papa Francisco) postulou abrir, no Vaticano, os arquivos documentais que dizem respeito ao período da ditadura militar da Argentina. Essa abertura, assim como as suspeitas que ainda pairam sobre a possível convivência do atual papa com a ditadura de seu país²⁵, demonstra a pertinência e o ineditismo de pesquisas sobre o assunto.

O trabalho que se segue está dividido em dois capítulos. O primeiro, “*Assim na Terra como no Céu*”: *a relação política entre Igreja Católica e Estado argentino*, atém-se em apresentar uma revisão bibliográfica acerca das discussões concernentes às

²⁴ FAUSTO, Boris & DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: editora 34, 2004.

²⁵Um dia após a nomeação de Jorge Mario Bergoglio ao papado, no Conclave de 13 de março 2013, jornais como *El país* (Argentina) e *BBC* (Brasil) publicaram artigos na internet a respeito das acusações de convivência com a ditadura militar por parte do jesuíta – acusações formuladas, segundo a BBC, por jornalistas e integrantes de grupos de defesa dos direitos humanos. Segundos os jornais, Bergoglio é acusado de ter delatado dois bispos jesuítas, Orlando Yorio e Francisco Jalics, ambos por trabalharem com serviços sociais em vilas carentes. Segundo Jalics, a presença de religiosos nestas vilas eram vistas com maus olhos por pessoas ligadas ao pensamento de extrema direita.

mobilizações políticas da Igreja Católica no cenário argentino a partir da década de 1930 onde, motivados em estabelecer uma identidade nacional-católica, o Episcopado passou a envolver-se diretamente na política platina, perpassando os conflitos com os governos de Domingos Perón e, por fim, as efetivas ações durante o último regime militar. O segundo capítulo, *O paraíso em meio às trevas: o protagonismo decisivo do episcopado na ditadura militar argentina*, apresenta a análise crítica das fontes que sustentam este trabalho expondo ao leitor as duas faces que dividiram a Igreja entre os anos 1976-83, gerando conflitos internos e perseguições políticas. O debate em torno da postura política adotada por Jorge Mário Bergoglio também é assunto discutido neste trabalho que acentua expressivamente a relevância desta investigação, bem como a necessidade de estudos com o mesmo eixo temático.

1. “Assim na Terra como no Céu”: o vínculo político entre Igreja Católica e Estado argentino.

Na madrugada do dia 24 de março de 1976 as Forças Armadas, sob a liderança de Jorge Rafael Videla, General do Exército, Orlando Agostí, Almirante da Força Aérea e Eduardo Massera, Brigadeiro da Marinha, tomaram o poder executivo argentino a fim de estabelecer o *Proceso de Reorganización Nacional*, sob a premissa de que o Estado Nacional sofria “ameaças” morais e institucionais oriundas dos movimentos “subversivos” que expandiam-se na conjuntura social platina e latino-americana.

El proceso, como o então presidente instituído Jorge Rafael Videla denominou o golpe político, contou com o apoio de setores da sociedade interessados no estabelecimento da “ordem” proposta e amplamente divulgada por seus idealizadores. Dentre estes setores, representantes da hierarquia do Episcopado católico argentino fizeram-se presentes.

O entrelaçamento dos representantes do episcopado argentino com a alta hierarquia das Forças Armadas no processo que configurou o golpe militar suscita reflexões acerca dos reais interesses do setor religioso na política nacional face a crise que permeia o cenário político argentino, bem como os conflitos internos gerados no seio da instituição clerical historicamente marcado por defender pautas conservadoras tanto na Argentina quanto nos demais estados nacionais latino-americanos.

Buscar-se-á neste trabalho investigar historicamente as relações estabelecidas entre Igreja Católica e Estado Nacional argentino a partir da década de 1930²⁶, com especial ênfase no período ditatorial entre os anos 1976-1983. Os interesses políticos da Igreja Católica não necessariamente convergiram totalmente com as propostas defendidas pelos militares; o mesmo se aplica à relação entre Estado e Igreja. É necessário deprender historicamente estes processos a partir da ótica política e do jogo de interesses que permeiam ambas as instituições. Não é nosso objetivo pontuar minuciosamente a forma como representantes da Igreja Católica dialogaram com todos os presidentes eleitos (ou não) entre as décadas de 1930-1970 na Argentina, mas deprender fatos e

²⁶ Nosso objetivo é compreender o posicionamento da Igreja durante a ditadura, e para isso se faz necessário percorrermos o histórico de sua atuação no país, recuperando alguns momentos contundentes.

posicionamentos que julgamos relevantes para a compreensão das motivações que impulsionaram a Igreja a envolver-se na política nacional, como por exemplo o advento da Ação Católica, o interesse religioso em estabelecer no país o projeto de “Nação Católica” e os embaraços com o presidente Juan Domingo Perón.

1.1 - A década de 1930 e o projeto de Nação Católica.

A história do estabelecimento e desenvolvimento da Igreja Católica na América Latina está terminantemente ligada à política de colonização por parte de Portugal e Espanha, que, para além da proposta de expandir seus recursos econômicos e influência política, fizeram-se presentes no “novo mundo” também em corpo religioso a fim de “educar” as populações nativas aos seus respectivos *modus operandi* social. Souza²⁷ defende que não se pode desvincular a presença da Igreja Católica na América Latina do aparato estatal, segundo a autora:

Como já dito, a presença da Igreja Católica na América Latina foi, sobretudo, uma empresa colonial e desde o início se apresentou com um formato integrado ao aparato estatal. Portanto, torna-se inócuo tentar entender esta Igreja sem ter em conta essa complexa relação com o poder temporal. Do que se conclui que a construção do aparato eclesiástico, o alcance da sua ação, suas fontes de financiamento, sua atuação pastoral e sua legitimação política perante esse mesmo Estado e a sociedade pressupõem um condicionamento original, isto é, sua função como parceira do poder temporal na conformação das novas sociedades que surgem da empresa colonial²⁸.

No caso argentino especificamente, a relação da Igreja com o Estado pós-independência, claramente distinta da existência no período colonial, perdurou fortemente até finais do século XX. A Igreja Católica demonstrou veemente interesse em envolver-se nos assuntos políticos do país, especialmente a partir da década de 1930 com o advento dada Ação Católica²⁹. A finalidade motivadora deste envolvimento na política por parte da hierarquia católica argentina sustentava-se na busca de estabelecer no país o plano de “nação católica”, isto é, fomentar diretrizes político-sociais calcadas nos

²⁷SOUZA, Jessie Jana Vieira de. *Acomodações recíprocas: a Igreja Católica e o poder temporal na Argentina e no Brasil*.

²⁸SOUZA, Jessie Jana Vieira de. Op, Cit., . P.52.

²⁹Idem. A ação católica é um movimento criado pela Igreja no século XX, a fim de ampliar sua influência na sociedade por meio de setores pontuais do laicado com base na doutrina social da Igreja.

fundamentos instituídos pela moral cristã. Segundo Souza, este projeto posicionava-se contrário a pautas liberais e anarquistas³⁰.

Roberto Di Stefano e Loris Zanatta definem a década de 1930, para a Igreja Católica, como o “renascimento católico” na qual a Igreja passou a exercer com maior precisão atividades sociais e políticas³¹. Para além do combate às ideologias liberais, anarquistas e comunistas, segundo os autores, a Igreja Católica também questionara a democracia enquanto sistema político desassociado dos preceitos cristãos. Para os religiosos, era necessário que o país rompesse com uma democracia baseada na soberania popular para dar espaço a chamada “democracia cristã”:

Ahora bien, em los años treinta y hasta el Vaticano II, la Iglesia sostuvo la acepción teocrática, al denunciar la ilegitimidad del Estado liberal y proponer la restauración del Estado católico. Em otras palabras, más que representar al “pueblo” frente al Estado y defender espacios de “libertad” ante sus abusos, la Iglesia se propuso reconquistar el Estado para convertirlo em instrumento de la recristianización de la sociedade, uniendo nuevamente lo que el Estado laico había separado: la Iglesia y el Estado, el ciudadano y el feligrés.³²

Este interesse doutrinário amplamente defendido pela Igreja Católica na busca por desviar a nação de um futuro apóstata e retroceder às “origens” morais cristãs, cooperaram para que a instituição clerical fundamentasse propostas políticas e sociais que, segundo Di Stefano e Zanatta, apresentavam-se como uma alternativa³³, isto é, uma terceira via política diante das propostas liberais e socialistas lá conhecidas. Neste cenário, acentuou-se o “nacionalismo católico” propagado pela militância católica empenhada na concretização desse projeto³⁴:

¿Cuál fue su actitud respecto de estos católicos nacionalistas? Em los hechos, procuro mantener em el plano doctrinario la distinción, a menudo imprecisa, entre el “nacionalismo exagerado” – coincidentemente *grosso modo* com las tendencias vitalsitas y paganas cuyo punto de referencia era el nazismo y que merecían ser condenadas sin reticencias – y el “sano nacionalismo”, entendido como uma cristalina expresión de la “argentinidad” y, en consecuencia, decididamente católico (...) Em todo caso, lo importante era reconociese el

³⁰Idem, p. 56

³¹DI STEFANO, Roberto; ZANATTA, Loris. *Historia de la iglesia Argentina: desde la conquista hasta fines del siglo XX*. p.p 418-419.

³² Idem.

³³ Idem, p.430-445

³⁴ Os autores discutem com maior precisão este advento no capítulo III de seu trabalho.

primado de la ley de Dios y contribuyese al objetivo de fundar un “nuevo orden cristiano”.³⁵

Motivados pelo projeto da Nação Católica, os religiosos, ainda na década de 1930, aproximaram-se do Exército, que compartilhava do mesmo desejo de romper com a proposta liberal, segundo os autores: “ahora bien, entre los actores que habrían de desarrollar una función prominente em el nuevo orden corporativo, y que ya antes habían sido decisivos para poner fin al régimen liberal, el ejército fue ocupando progressivamente, a lo largo de los años treinta, un lugar central.”³⁶ Esta relação que envolve questões ideológicas, contribuiu diretamente para várias alianças entre forças governamentais e igrejas nas décadas posteriores, incluindo a aliança entre a Igreja Católica e o governo do presidente Juan Domingo Perón³⁷, esta que viria a se tornar um grande problema aos religiosos.

1.2 Igreja e Peronismo: uma relação conflituosa

O *nacionalismo católico*, oriundo da relação próxima entre o Estado e a Igreja Católica³⁸, permaneceu na década de 1940 entre os ideais da hierarquia cristã no tocante ao objetivo central da cúpula religiosa, isto é, fazer da Argentina um país constitucionalmente confessional. No dia 04 de junho de 1946, Juan Domingo Perón ascendeu à presidência da república abrindo-se, portanto, um campo de vastas possibilidades para a hierarquia religiosa uma vez que a Igreja enxergava em Perón atributos convergentes a seus ideais políticos como a proposta de conciliação de classe, favorável ao combate dos conflitos sociais, segundo afirma Mason³⁹.

Para a hierarquia católica, era pertinente manter relações com Perón em vista das possibilidades de, enfim, estabelecer na Argentina a proposta de “nação católica”. No entanto este apoio também mostrava-se significativo ao presidente a saber que, no cenário político, o apoio da Igreja Católica configurava-se como um importante mecanismo de legitimação política, como afirma Bianchi:

En la Argentina, durante la 'deca de 1930, los católicos emergieron como un vigoroso actor politico, dispuestos a transformar al catolicismo em el principio organizador de la sociedad. Dento de esta perspectiva, el golpe militar de junio

³⁵DI STEFANO, Roberto; ZANATTA, Loris. Op, Cit., p.433.

³⁶ Idem, p.441

³⁷ Idem, p 445

³⁸MASON, Alfredo. *El conflicto de la jerarquia de la Iglesia con el Peronismo*. Junio 2012, nº04, año 2, p.85.

³⁹Idem.

de 1943 y el ascenso del peronismo fueron visualizados como la posibilidad de instrumentar los aparatos de Estado y su capacidad coercitiva como médios para establecer la hegemonía católica. Para el naciente peronismo, a su vez, el apoyo de la jeraquía eclesiástica constituía uma importante fuente de legitimación.⁴⁰

Entretanto, Perón, ao longo de seu governo, passou a adotar medidas que desviavam-se do foco principal e motivacional dos religiosos. A Igreja Católica, conforme afirma Bianchi, detinha como um dos seus pilares a responsabilidade pelo ensino nas escolas argentinas, campo formativo de exponencial possibilidades doutrinária aos religiosos, que apresentara-se como um elemento fundamental para seus objetivos. Entretanto o governo peronista deu-lhe pouco espaço à medida em que passou a interferir diretamente no processo de doutrinação escolar, porém com pautas voltadas à educação centrada na figura do chefe de Estado e da primeira dama, Eva Perón⁴¹.

Assim, a Igreja passou a acusar o peronismo de interferência privada em assuntos que deveriam restringir-se apenas à religião. Quando, em 1947, houve o estabelecimento do sufrágio feminino, os religiosos se manifestaram alegando que a nova norma interferiria diretamente na dinâmica sócio-familiar entre Pai, Mãe e filhos. A Igreja nesse período também condenou a difusão entre a classe trabalhadora de religiões como protestantismo e espiritismo⁴². Segundo Bianchi:

En síntesis, la preocupación eclesiastica se centraba em los avances del Estado sobre areas que la Iglesia consideraba de su particular incumbencia: educación, familia, organizaciones intermedias, asistencia social; areas que además eram consideradas claves para el proyecto de catolización de la sociedad.⁴³

Por fim, o fato de o peronismo, e mais precisamente o “justicialismo”, transformar-se aos poucos numa “religião política”, conforme Susana Bianchi afirma, agravou a relação já conflituosa com a Igreja Católica. Segundo a autora, o governo peronista, por meio da revista *Mundo Peronista*, adotou preceitos doutrinários centralizados na figura simbólica do presidente e de sua esposa. Este caso é acentuado após o processo de enfermidade e morte de Eva Perón, a qual passou a ser idolatrada por

⁴⁰BIANCHI, Susana. *Catolicismo y peronismo: la religión como campo de conflicto (Argentina, 1945-1955)*. P. 25.

⁴¹BIANCHI, Susana. Op, Cit., P. 27.

CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no Varguismo e no Peronismo*. São Paulo: Fapesp/Papirus, 1998.

⁴²BIANCHI, Susana. Op, Cit., P. 25 – 37.

⁴³Idem, P. 28

admiradores, intensificando, portanto, o que a religião cristã condena como idolatria, repugnância reforçada pela campanha de canonização de *Evita*. No trecho a seguir, veremos como se fundiram religião e política durante o peronismo⁴⁴:

Ser peronista significaba, por lo tanto, asumir el peronismo como una nueva forma de religiosidad que incorporaba incluso los símbolos de la religión institucional, desplazando su sentido católico. Hay algunos textos particularmente significativo, que corresponden a una sección de la revista llamada “cinco minutos de silencio” y que ofrece textos para meditar sobre la Doctrina Peronista:

“¡Señor! Se disse que sois Dios porque diste la vista a los ciegos. [...]

“Se disse que sois Dios porque limpiáis al leproso. [...]

“¿No hacen, Senõr JesuCristo, outra cosa tu bondades? ¿Haces que se crea como Evangelio la verdad en laharaposo, que al pobre se le escuche, que el joro bado haga figura, que al astra se le atienda, y que de la boca del pobre salga también la razón y la verdad? [...]

“¡MARAVILLA PERONISTA que Perón há realizado em la Argentina, poniendo em práctica la ley de amor, dada, como disse el apostol a los hijos de Dios sobre las tablas de su corazõn”⁴⁵

A relação entre a Igreja Católica e o governo, em especial entre membros da Ação Católica e o peronismo, se agravaram a ponto de ocorrer, no dia 12 de junho de 1955, um conflito físico que garantiu “*varias detenciones, entre los cuales se encontraba Mariano Grondona*”⁴⁶. No tocante à política nacional, um golpe de estado foi planejado no mesmo ano recebendo apoio de católicos, dentre eles padres e monsenhores⁴⁷.

Duas décadas após, especificamente no ano de 1976, a Igreja Católica escreveu em novas páginas de sua história política mais uma investida no cenário nacional, novamente com ligação direta com o Exército, ao envolver-se diretamente no regime político comandado pelas Forças Armadas. Estas tomaram a presidência do país

⁴⁴BIANCHI, Susana. Op, Cit. P.p36-37

⁴⁵Idem, ibidem.

⁴⁶MASON, Alfredo. *El conflicto de la jerarquia de la Iglesia com el Peronismo*. Junio 2012, nº04, año 2, p.109

Mariano Grondona é um jornalista argentino, colunista do jornal *La Nación* e professor de governo na Faculdade de Direito da Universidade Nacional de Buenos Aires. Antiperonista, Grondona envolveu-se, em 1955, no *Comando Civiles* que ajudaram no golpe que contribuíram para a derrota de Juan Domingo Perón.

⁴⁷MASON, Alfredo. Op, Cit., p.113

instituindo um regime militar que perdurou por sete anos, considerado um dos mais violentos regimes militares da América Latina, período do qual trataremos nas páginas seguintes.

1.3 O Golpe, O Estado, A Igreja.

Os estudos dedicados à reflexão da relação política entre as duas grandes instituições argentinas, Estado e Igreja, se alinham no que diz respeito aos propósitos político-sociais engendrados por ambas agremiações. Entre historiadores e cientistas sociais⁴⁸ é unânime que a Igreja Católica argentina viveu um dos momentos mais conturbados de sua história entre os anos 1976-83. As investigações têm sido consistentes no que diz respeito aos conflitos ideológicos internos os quais refletiram nas ações plurais dos sacerdotes com posicionamentos políticos e teológicos distintos. Enquanto uns uniram-se à repressão estatal outros decidiram manter-se dedicados ao trabalho de base e por consequência sofreram duras perseguições chegando a enfrentar a própria morte⁴⁹.

Motivados pela corrente filosófica *tomista*, a qual atribuiu à Igreja Católica o atributo de pureza diante de um mundo perverso e pecador, portanto responsável por sua regeneração⁵⁰, grande parte da hierarquia episcopal enxergou no governo de Videla oportunidade real de cumprir, por meio de seu governo, com seus objetivos para a política nacional como colaborador ativo do Estado no que se refere à política doutrinária religiosa⁵¹. Segundo Emílio F. Mignone, a hierarquia episcopal argentina foi devidamente informada acerca dos planos de derrubar o governo constitucional de Isabel Perón a fim de estabelecer uma ditadura militar; segundo o autor: *Las cabezas del Episcopado católico fueron debidamente informadas de los planes para derribar el régimen constitucional y establecer por un lapso prolongado una dictadura militar; seguida de un nuevo orden político y social*⁵².

A complacência entre a Igreja e o Estado se sustentou num cenário político no qual ambas assentiam na eliminação de um “mal” comum, isto é, a subversão representada pelo comunismo e suas variantes. Segundo Zanatta, o regime estava empenhado em criar bases nacionais fundadas no ideário do ser argentino no qual o catolicismo ofereceria

⁴⁸ O leitor pode consultar Martín Obregón, Loris Zanatta, Emílio F. Mignone e Maria Soledad Catoggio.

⁴⁹ MIGNONGE, Emílio F. *Iglesia y dictadura: el papel de la iglesia a la luz de sus relaciones con el régimen militar*. 1ª Ed – Buenos Aires: Edicionesdelpensamiento nacional, 1986.

⁵⁰ DI STEFANO, Roberto & ZANATA, Loris. *La historia de la iglesia argentina: Desde la conquista hasta finales del siglo XX*. Buenos Aires, GrijalboMondadori, 2000

⁵¹ ZANATTA, Loris. *La larga agonía de la Nación católica – 1ªed - Buenos Aires: Sudamericana, 2015. P. p 211-212.*

⁵² MIGNONGE, Emílio F. *Op, Cit, p.47.*

estrutura ideológica influente. Neste conjunto de ideias, não haveria distinção entre ser argentino e ser católico. O apego a esta proposta nacionalista favoreceu debates acerca do ensino e suas bases educacionais. Segundo Zanatta:

Antes de formarlo los militares consultaron con el episcopado, la Universidad Católica y el Consejo Superior de Educación Católica. El ministro de Educación, católico practicante, fue el primero en explicar las razones. Su intento, dijo, era reconducir la escuela dentro de las coordenadas del “ser nacional”; y pronto pasó a la acción modificando los programas, que debían reflejarlos “valores de la moral cristiana”. Las encíclicas volvieron a la primera fila entre las lecturas recomendadas en la escuela (...) El fervor religioso fueran grande que algunos altos oficiales llegaron a prohibir en las universidades los textos de “delincuentes ideológicos del calibre de Marx y Freud”⁵³.

Os sacerdotes católicos, os quais definimos como progressistas, foram alvos substanciais desta política ideológica do estabelecimento do “ser nacional”. A Igreja ocupando papel fundamental como propagadora moral das políticas de “higienização nacional” e portadora dos discursos legitimadores do Estado, não poderia concorrer com manifestações contestadoras de agentes pertencentes ao seio do catolicismo como a “*Iglesia del Pueblo*”. Essa Igreja contestatária formada por sacerdotes engajados na Teologia da Libertação, envolvidos diretamente com trabalho de base, passou a ser rechaçada e considerada “subversiva” aos valores nacionais católicos.⁵⁴

O *Clero Castrense* ou *Vicariato Castrense* foi uma importante ferramenta de legitimação tanto dos discursos quanto das ações estatais. O *Vicariato Castrense* é o órgão que melhor sintetiza o vínculo institucional entre Igreja e Estado uma vez que estava subordinada ao Episcopado e ao Estado ao mesmo tempo. Isto é, do mesmo modo que *vicário castrense* e *provicario castrense* eram sacerdotes a serviço das causas religiosas, também o eram servidores públicos⁵⁵. Segundo Obregón, o *Vicariato Castrense* se tratava de um organismo de jurisdição nacional e comportava grande autonomia em comparação às demais instituições eclesiais⁵⁶:

Al finalizar la dictadura militar, existían a lo largo del país 140 capillas y oratorios castrenses distribuidos em las unidades, hogares, hospitales y

⁵³ ZANATTA, Loris. Op, Cit., P. p 213.

⁵⁴ OBREGÓN, Martín. Op, Cit, P.19-20.

⁵⁵ BILBAO, Lucas: LEDE, Aryel. Profeta del Genocidio – 1ª ed. – Buenos Aires, Sudamericana, 2016.

⁵⁶ OBREGÓN, Martín. Op, Cit., P. 90.

barrios militares. Em segundo lugar, el clero castrense era muy importante desde el punto de vista numérico: contaba com más de 200 capellanes militares hacia 1976⁵⁷.

O *vicariato castrense* colaborou ainda com o tratamento psicológico dos militares envolvidos no plano de reorganização nacional. É problemático afirmar que toda e qualquer instituição seja ideologicamente homogênea; dissidências e questionamentos são latentes em grandes corporações, sejam elas seculares, religiosas ou públicas. Entre os militares houve quem questionasse os métodos adotados e defendidos por sua hierarquia. Parte dos membros das forças de segurança, segundo afirma Obregón, demonstrou dúvidas acerca dos métodos repressivos que adotaria em nome do bem comum. O método de convencimento e justificação que faziam-nos permanecer focados e crentes no bem que exerciam, era exercitado pelo *vicariato* o qual, através da retórica justificada por meio dos fundamentos religiosos, defendiam que as ações exercidas cumpriam com os propósitos de Deus para o bem nacional⁵⁸.

Emílio F. Mignone apresenta brevemente sacerdotes que tiveram participação ativa na política como colaboradores do último regime militar. Ações pontuais como levantamento de listas descritivas acerca de desaparecidos, colaboração ideológica e omissão pública dos violentos métodos repressivos do aparelho estatal.

Após o atentado em sua casa, que culminou no sequestro e desaparecimento de sua filha Monica, Mignone, católico praticante, procurou Monsenhor Tortolo, arcebispo de Paraná, *vicario* das Forças Armadas e presidente da Conferência Episcopal Argentina e antigo *vicario* geral da diocese de Mercedes. Segundo Mignone, Tortolo esteve intimamente ligado ao que ocorreu após o golpe da madrugada do dia 24 de março de 1976. O autor afirma que no mesmo dia do golpe, os três integrantes da junta militar mantiveram contato com o *vicario castrense*⁵⁹. No tocante ao desaparecimento de Monica claramente impulsionada por ação de repressão militar, Tortolo negou conhecimento acerca de práticas repressivas, não somente a Mignone e sua esposa, mas também às demais famílias que procuravam por respostas. Tortolo, diante da imprensa, justificou os atos do Estado em nome das “exigências da conjuntura”:

⁵⁷Idem, *ibidem*.

⁵⁸ OBREGÓN, Martín. Op, Cit., P. 92.

⁵⁹ MIGNONGE, Emílio F. Op, Cit, p.17.

La iglesia pinsa – expresó- que el gobierno de las fuerzas armadas es una exigencia de la coyuntura...por lo tanto se tiene la convicción de que las fuerzas armadas, aceptando la responsabilidad tan grave y seria de esta hora, cumplen con su deber⁶⁰

Monsenhor Victório Bonamín é outro sacerdote que compõe a lista de Mignone. Ainda à procura de resposta sobre a detenção de sua filha, Mignone sondou a possibilidade de entrar em contato com Bonamín, *provicario castrense*, todavia recebeu respostas negativas de seu secretário, o qual afirmou que o sacerdote não acolheria pessoas com impasses sobre desaparecimentos a fim de não interferir no trabalho do Exército. Mignone registrou em seu trabalho inúmeras manifestações de Bonamín exaltando o Exército e suas facetas repressivas⁶¹. Outro sacerdote citado pelo advogado argentino, que analisaremos com mais cuidado no próximo capítulo, é Christian Von Wernich. O sacerdote sofreu diversas acusações de participação em cárceres e sessões de tortura, que estão registradas no relatório organizado e divulgado pela Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas (CONADEP), *Nunca más*.

No tocante à Igreja contestatária, Mignone nos apresentou casos fundamentais para se compreender a proporção violenta das dissidências teológicas presentes no âmago do Episcopado argentino. As mortes de Carlos Mugica, Monsenhor Angelelli e dos Padres Palotinos são emblemáticas para este período.

Carlos Mugica, sacerdote engajado no Movimento dos Sacerdotes Para o Terceiro Mundo, aplicadamente envolvido nos trabalhos de base defendidos pelo agrupamento, foi morto no dia 11 de maio de 1974, dois anos precedentes ao golpe de Estado, em frente à Paróquia *San Francisco Solano*, em Buenos Aires. Mignone não problematiza se seu assassinato foi planejado por militares ou sacerdotes conservadores que contradiziam seus ideais, todavia conclui que as razões norteadoras do homicídio consistiram em sua brava dedicação ao serviço assistencialista à comunidade trabalhadora. Segundo Mignone, seu assassinato figura-se como um prenuncio do que viria a acontecer anos mais tarde⁶².

⁶⁰ MIGNONGE, Emílio F. Op, Cit., p.20.

⁶¹ Como por exemplo na ocasião em que, no dia 5 de janeiro de 1976, na Igreja Stella Maris, proferiu: La Patriarescattó em Tucumán – dijo -, su grandeza, macillada em otros ambientes, renegada em muchossitiales y la grandeza se salvo em Tucumán por elejército argentino. Estaba escrito, estaba em los planes de Dios – clamó-, que la Argentina no debía perder su grandeza y la salvo su natural custodio: elejército” (MIGNONE, 1986, P.22).

⁶²MIGNONGE, Emilio F. Op, Cit p.263-266.

Monsenhor Enrique Angelelli também sofreu atentado por sua posição política intrínseca às bases teológica pelas quais militava. Segundo Mignone, Angelelli era envolvido com o trabalho de base e seguia um olhar teológico baseado na abertura fincada pelo Concílio Vaticano II, o qual deu abertura a movimentos como a Teologia da Libertação. Angelelli foi compromissado com a justiça social aplicando severas denúncias às duras condições de vida da classe trabalhadora de *La Rioja*. A Igreja de *La Rioja*, conhecida por seu trabalho de base comunitária, provocou atenção dos militares após o golpe de 1976⁶³, ao qual, segundo Obregón, Angelelli não deixou de se opor. No dia 04 de agosto de 1976, cinco meses após a deflagração do golpe de Estado, Angelelli foi morto por meio de um acidente automobilístico simulado claramente por agentes das Forças Armadas.

Na madrugada de 4 de julho de 1979 os padres da comunidade Palotina, da Paróquia de *San Patricio*, foram brutalmente assassinados. Eram eles Alfredo Leaden, Pedro Duffau e Alfredo Kelly ao lado de dois seminaristas Salvador Barbeito e Emilio Barletti. Foi encontrada na paróquia, pelas primeiras pessoas que a adentraram após a morte dos padres, a seguinte frase: “*Así vengamos a nuestros compañeros de coordinación*” (...) “*Esto passa por envenenar la mente de la juventud*”⁶⁴. Mignone não especifica em seu trabalho se os Palotinos assassinados eram pertencentes ao Movimento dos Sacerdotes para o Terceiro Mundo, como também não esclarece se esta ação foi provocada por militares, todavia, a julgar pela frase encontrada na Paróquia de *San Patricio*, está claro que as ideias disseminadas pelos sacerdotes confrontavam determinados grupos que, de forma criminosa, decidiram reagir se valendo de uma conjuntura social conturbada com excessivos casos de repressão.

Martín Obregón divide as ações políticas da categoria que define como “*Iglesia del Pueblo*” em duas fases distintas entre os anos 1976-83. Segundo o autor, a realidade sócio-política argentina concorreu para que a ala progressista da Igreja Católica adotasse distintas estratégias. Entre os anos 1976 a 1978 a repressão estatal alcançou seu auge quando se produziu cerca de 90% das desapareições de agentes pertencentes aos setores progressistas. Taxados como “marxistas subversivos”, grande parte da Igreja Contestatária reduziu significativamente suas mobilizações políticas públicas a fim de não despertar confrontos tanto com a hierarquia episcopal quanto com o Estado na figura

⁶³ MIGNONGE, Emílio F. Op, Cit., p.245-256.

⁶⁴ Idem, p.p 258-260.

dos militares, uma vez que a conjuntura os desfavorecia exponencialmente⁶⁵. Entretanto, as discussões e críticas à severa repressão adotada pelo Estado em consonância com sua política não cessaram no âmago dos encontros clandestinos organizados por sacerdotes do movimento religioso de contestação, os quais mantiveram engajados em brindar proteção institucional a religiosos militantes de distintas dioceses, núcleo este composto por Monsenhor De Nevares, bispo de Neuquén, Monsenhor Hesayane, bispo de Viedma, Monsenhor Devoto, bispo de Goya e Monsenhor Novak, bispo de Quilmes, como afirma Obregón:

En esa estrategia defensiva desempeñaron un papel fundamental un pequeño núcleo de obispos que brindaron protección institucional a muchos sacerdotes y militantes del laicado católico cuyas actividades en otras diócesis los volvía sospechosos para el régimen militar⁶⁶.

Durante o tempo de “recesso” das mobilizações públicas, o núcleo católico progressista manteve-se atento à política nacional e construiu críticas e questionamentos ao governo militar desenvolvendo denúncias à política econômica e a defesa dos direitos humanos⁶⁷. Um pequeno grupo de sacerdotes manteve-se em exercício expondo publicamente sua insatisfação à política nacional, exercendo ofício de oposição às raízes repressoras. Foram eles Monsenhor Enrique Angelelli – assassinado como descrito acima -, Monsenhor Jaime De Nevares, Monsenhor Miguel Hesayne e Monsenhor Jorge Novak⁶⁸. Suas publicações se deram por meio de *cartas pastorales*, *homilias* o *declaraciones a la prensa*, no entanto seus resultados foram profundamente limitados⁶⁹.

Apesar do trabalho de base reduzido e com resultados excessivamente limitados diante da força política gerada entre a aliança Estado e hierarquia episcopal, sacerdotes progressistas, diante do desfavorecimento evidente no cenário político, uniram-se a órgãos de *protesta* em favor dos direitos humanos de modo a não se manter distanciados e omissos politicamente. Seus vínculos institucionais foram firmados com a Assembleia Permanente pelos Direitos Humanos (APDH) e o Movimento Ecumênico pelos Direitos Humanos (MEDH), obviamente que a aliança estabelecida entre componentes religiosos

⁶⁵ OBREGÓN, Martín. La Iglesia argentina durante la última dictadura militar: el terror desplegado sobre el campo católico (1976-1983). In__AnnePérotin-Dumon (dir). *Historizarel pasado vivo em América Latina*. P.p 29-30.

⁶⁶OBREGÓN, Martín. Op, Cit., P.p 30-31

⁶⁷ Idem.

⁶⁸Idem, p. 32.

⁶⁹Idem, p.34

com os órgãos de combate à repressão em defesa dos direitos humanos chamou a atenção da hierarquia episcopal, que estava atenta a cada passo dado pela “*iglesia del Pueblo*”, como afirma Obregón⁷⁰.

No tocante à segunda fase do regime militar que Obregón entende ser os anos entre 1979-1983, o regime militar passou a conviver com outra realidade. Conjuntura de contestações aos resultados de sua política pública⁷¹. Obregón não especifica a fundo quais foram as ações palpáveis dos sacerdotes progressistas nesta ocasião, todavia apresenta o engajamento em apoio as *madres de mayo* em organização de missas em favor de desaparecidos. Diante dos evidentes levantes em favor dos direitos humanos e em confronto à política repressiva do aparelho de Estado, a Igreja conservadora manteve-se em silêncio, segundo Obregón, a fim de não levantar atritos públicos com o regime militar, afinal de contas ainda havia um projeto de reorganização nacional em curso⁷².

No processo de transição à democracia a Igreja Católica, tanto a ala conservadora quanto a progressista, desempenhou papel fundamental no cenário político em declarações públicas. Logo após a derrota para a Inglaterra na disputa pelas Malvinas, o governo militar lidou com uma profunda desaprovação pública no cenário nacional culminando em sua derrota e abertura para o processo de redemocratização. Diante deste cenário, e cientes das possíveis consequências pelas quais responderiam em função da repressão exercida nos anos anteriores, ao final do mês de Abril de 1983, o governo militar publicou um documento final e uma Ata Institucional, segundo Obregón, justificando suas ações e declarando que estas deveriam ser entendidas como serviços prestados à sociedade devido aos perigos aos quais estava expostas face à subversão. A hierarquia católica, em especial Cardeal Juan Carlos Aramburu e o então bispo de Avellaneda, Monsenhor Antonio Quarracino, se pronunciou a favor deste documento. Em contrapartida, a “*Iglesia del Pueblo*”, na figura de Miguel Hesayne mantivera-se firme em oposição, todavia agora com maior grau de efetividade exigindo arrependimento, confissão e reparação do mal cometido⁷³.

A Igreja Católica, em suas complexas dimensões internas, mantém peculiaridades que o historiador precisa atentar-se em termos de discursos e organização. Compreendê-

⁷⁰ OBREGÓN, Martín. Op, Cit., P.35.

⁷¹ Idem, p, 36-37.

⁷² Idem, P.40-41.

⁷³ Idem, p.p42-43.

la apenas enquanto um *corpus* religioso, portanto sagrado, descolado de um tempo, reduz as possibilidades de compreensão de sua influência no cenário político-social no qual está inserida. Alexandre Queiroz, ao citar Coutrot, em sua dissertação de mestrado, problematiza esta condição da Igreja enquanto corpo social e, portanto, um objeto capaz de desenvolver-se enquanto um campo de estudo:

O entendimento da Religião, enquanto parte da dimensão social, consolidou e desenvolveu a História Religiosa enquanto uma disciplina autônoma. O pensamento religioso versa também, necessariamente, sobre as relações sociais dos homens e seus conflitos, sendo “simultaneamente lugar, produto e fator ativo daqueles conflitos, e parece-me, pois, legítimo considerar a História religiosa como uma disciplina específica. É necessário compreender os fenômenos religiosos na sua relação com a História, desmitificando a restrição privada e individual dos mesmos, que criam um espaço hermético de práticas sociais, resguardado por conceitos e ideias que visam elevá-los a outra categoria⁷⁴.

A Igreja, entendida como um corpo social e influenciador, se configura neste espaço social enquanto uma instituição cautelosa quanto à abertura de seus debates e conflitos. Os debates internos concernentes aos interesses da Igreja Católica em reuniões decisivas para a manutenção desta instituição “universal”, isto é, Conferência Episcopal Latino-americana, Conselho Episcopal Latino-americano e Concílio Vaticano II, nos quais ideias são confrontadas, se organizam de forma restrita, guardadas a ações e discussões particulares a seus integrantes⁷⁵. Esta dinâmica peculiar da Igreja Católica, compreendida por meio dos debates sociais levantados por clérigos latino-americanos em eventos privativos citados por Queiroz, a qual compreendemos enquanto uma preocupação institucional, reforça as razões que justificam a ausência de confrontos generalizados oriundos de descontentamentos e/ou divergência ideológica entre sacerdotes em documentos e materiais de imprensa no episcopado argentino.

Cientes desse desafio intrínseco aos estudos dedicados à Igreja Católica e sua organização interna, no capítulo seguinte analisaremos as fontes históricas levantadas para este trabalho nas quais os confrontos incisivos entre personalidades do episcopado

⁷⁴ QUEIROZ, Alexandre de Oliveira. A Revolução no Paraíso: Resignificações do conceito de Libertação na Igreja latino-americana (1968-1979). Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2018, 353 F. P.45.

⁷⁵ Idem.

argentino não são esclarecidos para além dos casos pontuais de repressão sofrida pela ala composta por sacerdotes progressistas.

2. O paraíso em meio às trevas: o protagonismo decisivo do Episcopado na ditadura militar argentina.

Quanto à Igreja Católica, disse que teve uma relação “excelente, muito cordial, sincera e aberta”.

Revista Carta Capital, entrevista de

Jorge Rafael Videla à revista Cambio 16, Espanha.

2.1 O político, a Igreja e os espaços de sociabilidade

A análise dos conflitos sucedidos ao longo da ditadura militar argentina não foge do escopo heurístico centralizado no campo do político. Portanto, é necessário que compreendamos o debate que gira em torno desta área de produção. O trabalho de René Remond (2003) nos auxilia na compreensão da complexidade que carrega o presente conceito. O político, para o autor, é um terreno cujo o esforço para delimitá-lo ou identificá-lo é vital. Remond defende a premissa de que o político está terminantemente ligado ao poder⁷⁶

A política na perspectiva de Remond está inserida no contexto de uma sociedade global, no entanto o historiador não pode perder de vista que o “político mantenha todo o resto sob sua dependência”, para o autor “seria ingênuo acreditar que o político escape das determinações externas, das pressões, das solicitações de todo tipo”; Remond assegura que o político é o lugar da gestão da sociedade global:

Aliás a análise dos processos de decisão mostra que os que decidem em política conservam uma certa liberdade de manobra: em sociedades tão complexas e diferenciadas como as nossas, os interesses são tão diversos e mesmo contraditórias que seu entrecruzamento e suas divergências conferem aos políticos um poder de arbitragem (REMOND, 2003, p.p445-447).

Na esfera desta sociedade global, especificamente na Argentina, a Igreja Católica ocupa lugar de destaque. Aline Coutrot, analisando o caso francês, trata acerca da forma como a religião ocupa papel decisivo na política do país e, portanto, não pode

⁷⁶ A mais constante é pela referência ao poder: assim, a política é a atividade que se relaciona com a conquista, o exercício, a prática do poder, assim os partidos são políticos porque têm como finalidade, e seus membros como motivação, chegar ao poder. Mas não a qualquer poder! (REMOND, 2003, p.444)

ser ignorada no âmago desta discussão. A História da Religião é enaltecida no trabalho de Coutrot, uma vez que foi esta a categoria de estudo que permitiu reconhecer o político íntimo da religião, além de focalizar os sujeitos outrora míopes ao olhar dos pesquisadores que se preocupavam apenas com personagens hierarquicamente bem estabelecidos na religião.

A historiadora levanta questionamentos sobre “em que o religioso, particularmente o cristianismo, pode interessar à história do político?” (p.p 33-334). Para Coutrot, a Igreja tem ocupado um espaço especial no cotidiano histórico de seus fiéis, pois, na condição de intermediadora entre Deus o homem, estabeleceu códigos e julgamentos morais decisivos para a tomada de decisões e participação social dos crentes (p.334). A heterogeneidade que compõe o corpo eclesiástico, seja na alta hierarquia ou na base, é constituinte dos múltiplos perfis que a Igreja, na condição de ampla instituição, formada por um mosaico de atores compostos por gerações e espaços sociais e econômicos diversos, não pode ignorar. O caso francês, segundo a autora, é marcado por fiéis que, apegados à doutrina moral cristã-católica modelam “todos seus impulsos cívicos” (p.337). Para a autora “Esse tipo de crente será levado a preferir os regimes que se apoiam numa figura de autoridade indulgente, será atraído pelos sistemas hierárquicos nos quais cada um tem seu lugar sem tensões nem rivalidade” (p.339). Para Alexandre Queiroz é legítimo considerar a Igreja como uma disciplina de pesquisa autônoma⁷⁷

O movimento da religião calcado nas bases dos julgamentos moral e cívico também é abastecido com ferramentas que visam justificar e consolidar sua doutrina terrena, como imprensa confessional e controle da educação, os quais, na história da Igreja argentina, cumpriram papel decisivo para a consolidação de uma vertente conservadora no âmago do episcopado. No caso francês, o qual é tratado com maior atenção por Coutrot, a educação tornou-se objeto de disputa entre Estado e Igreja com o avanço da laicidade, combatida pela Igreja Católica também na Argentina (p.p 354-357).

No escopo da história política argentina, não podemos menosprezar o engajamento intelectual dos sacerdotes católicos como atributo fundamental dos desdobramentos que sucederam os eventos dos anos em que perdurou a última ditadura militar. Jean-François Sirinelli defende que, com o advento da reincorporação da história política no quadro de investigação dos historiadores, a história dos intelectuais tornou-se

⁷⁷ QUEIROZ, Alexandre de Oliveira. Op, Cit., P.45

um campo histórico autônomo “situado no cruzamento das histórias política, social e cultural”⁷⁸. Não é nosso objetivo centralizar nossa abordagem no engajamento intelectual dos inúmeros sacerdotes envolvidos na política nacional, sejam eles conservadores ou progressistas, mas situar os debates internos do Episcopado na lógica dos conceitos apresentados pelo historiador francês a fim de estabelecer diálogo teórico-metodológico com as repercussões públicas destes clérigos. O estudo sistemático do engajamento político dos intelectuais requer cuidados parelhos às suas formas de atuação no cenário social. O estudioso dedicado a este campo de pesquisa deve se preocupar com os problemas que não involuntariamente surgem, os quais dizem respeito aos significados simbólicos do papel destes atores assim como, defende Sirinelli, a influência de seu “poder”⁷⁹.

Os desafios voltados ao caráter ideológico de determinados grupos de intelectuais são problemas que se apresentam dos quais o historiador não pode se abster. Segundo Sirinelli, todo grupo de intelectual se organiza em torno de uma estrutura ideológica comum, que lhes garante extratos de afinidade e aptidão de mútua convivência:

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreendermos que o historiador não pode ignorar ou subestimar⁸⁰

Esta dificuldade se multiplica quando o assunto se volta ao interior do catolicismo, especificamente à estrutura hierárquica, composto por sujeitos formados por experiências políticas e culturais diversas. A Igreja Católica, como já mencionamos anteriormente, está ancorada nas raízes da fé cristã, portanto, entre seus fiéis há um sentimento ideológico comum voltado aos dogmas historicamente construídos e definidos por um modelo de fé de proporção global. A defesa do evangelho e da doutrina cristã-católica explicita um elo comum entre estes indivíduos, no entanto, o ponto de suspensão ideológica se localiza no caráter da formação teológica atrelada às concepções de sociedade que agregam e constitui a cosmovisão do religioso.

Sirinelli defende que todo grupo de intelectuais se organiza em torno de redes de

⁷⁸ SIRINELLI, Jean - François. *Os intelectuais*. In REMOND, René. Por uma História Política; tradução de Dora Rocha. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

⁷⁹ Idem;

⁸⁰ SIRINELLI, Jean-François. Op, Cit., p.248

sociabilidade nas quais suas relações se coadunam⁸¹. Estes espaços permitem trocas de informações, estabelecem contatos e mantêm estruturas significativas de produção intelectual e engajamento político. Em nosso caso, faz-se necessário delimitar a divisão dos espaços de sociabilidade, uma vez que a Igreja Católica, na conjuntura política de autoritarismo argentino, se encontrou dividida entre sacerdotes contestadores ao regime militar vinculados à Teologia da Libertação e prelados conservadores colaboracionistas ao governo. Esta divisão não anula o caráter comum entre os antagonistas políticos do discurso em defesa dos princípios cristãos, contudo cria-se novos espaços que delimitam novas fronteiras de engajamento, estabelecendo contatos com movimentos não necessariamente vinculados à religião, como foi o caso de sacerdotes que se articularam com as Mães da Praça de Maio, sobre o qual trataremos ao longo deste trabalho:

Mas a sociabilidade também pode ser entendida de outra maneira, na qual também se interpenetram o afetivo e o ideológico. As “redes” secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se portanto de uma dupla acepção, ao mesmo tempo “redes” que estruturam e “microclima” que caracteriza um microcosmo intelectual particular⁸².

No tocante às atribuições particulares da Igreja Católica e seus debates internos, cabe-nos, agora, esmiuçar com maior rigor o primeiro capítulo do trabalho de Alexandre Queiroz no qual o autor analisa as transformações históricas do conceito de Liberdade na Igreja Latino-americana percorrendo a dinâmica interna dos debates das conferências episcopais latino-americanas e dos concílios I e II, convocados pelo Vaticano, no final do século XIX e primeira metade do XX. Para o desenvolvimento do nosso trabalho, nos preocuparemos com as abordagens que retratem os conflitos internos da Igreja, as relações que provocam a necessidade de coesão interna e sua doutrina social.

Ao longo deste capítulo apresentaremos com maiores detalhes a repercussão das entrevistas e manifestações de figuras centrais à hierarquia do Episcopado argentino na imprensa. Nestas evidências que encontramos no CEDIC, percebe-se que a figura da Igreja enquanto instituição está sempre desvinculada da imagem dos discursos expostos

⁸¹ O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um “pequeno mundo estreito”, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo “redes” para definir tais estruturas. (Referenciar)

⁸²SIRINELLI, Jean-François. Op, Cit., P.252-253

publicamente. Outro detalhe importante é a ausência de expressões que mencionem os diálogos internos restritos aos sacerdotes. Tais omissões não são desprezíveis, há um plano de fundo de extrema importância que nos auxilia na compreensão da dinâmica de sociabilidade clerical. Segundo Queiroz, a Igreja mantém um método de afirmação eclesial que se ancora na imagem de coesão e unidade, diz o autor:

O método de afirmação eclesial projeta uma imagem de coesão e unidade, de linearidade e evolução ininterrupta e harmônica das manifestações da Igreja. Reafirma ainda seu entendimento institucional como meio único da salvação e de privilégio na sociedade e em relação a outras instituições, sendo importante considerado pelo prisma do debate político, social e histórico⁸³.

O caráter de afirmação da Igreja e sua atenção à coesão e unidade conforme o historiador nos apresenta, projeta representações acerca de uma instituição que, vinculada à verdade divina e mediadora da salvação espiritual na Terra, carrega o peso da responsabilidade de gerar expressivos significados metafísicos aos seus representantes (clérigos), os quais, apesar das divergências evidentes nos planos social e teológicos entre correntes políticas incorporadas no seio da religião, adotarão a postura de evitar a exposição dos entraves internos que, à luz das interpretações dos extratos sociais, dentre os quais está a mídia, podem comprometer sua imagem. Dito de outro modo, a preservação da imagem da Igreja no cenário público está terminantemente ligada ao esforço destes atores em preservar a rede de sociabilidade que os unem enquanto ser. A Igreja, segundo Queiroz, vivia sob um ideal de não abdicar da realidade do mundo terreno diante de sua franca responsabilidade salvífica:

Doravante as marcas da passagem do tempo sejam visíveis na estrutura da Igreja e nos seus discursos, evidencia-se uma tensão na relação da Igreja com o mundo, que se originaria da tentativa de seus próprios membros de firmá-la no tempo presente. O teólogo italiano Giorgio Agambem complexificou esse cenário ao afirmar que a Igreja vive um paradoxo, visto que, pela perspectiva escatológica, ela deveria renunciar ao mundo, pela promessa apocalíptica. Entretanto, ela não poderia fazê-lo, pois abdicar do plano terreno seria renunciar a si mesma⁸⁴.

⁸³ QUEIROZ, Alexandre de Oliveira. *A Revolução no Paraíso: Resignificações do conceito de Libertação na Igreja latino-americana (1968-1979)*. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2018, 353 F. P.19.

⁸⁴ Idem, p.32.

Queiroz introduz o debate voltado à relação da Igreja Latino-americana com o Estado, que é cara ao entendimento de nossa pesquisa. No debate anterior abordamos como os representantes do catolicismo argentino engajaram-se na política nacional a partir da década de 1930 sob a pretensão de influenciá-la a fim de tornar o Estado confessional. Segundo Queiroz, decretos publicados pela Igreja versaram sobre o empreendimento entre ambas as instituições. O historiador afirma que:

Configura-se assim uma legitimação do Estado defendendo-se um discurso no qual a autoridade foi entendida como condução à verdadeira Liberdade, tendo o Estado papel importante de ordenamento social(...) Parte dos decretos versou sobre a relação entre Igreja e Estado, estabelecendo que entre eles devesse haver uma “aliança bem ordenada”, “parecida com a existente entre corpo e a alma (...) A relação com os Estados nacionais era um ponto fulcral para as igrejas Latino-americanas⁸⁵.

Nosso objetivo até aqui foi apresentar marcos teóricos-metodológicos que embasam nossa investigação a fim de introduzir a crítica sistemática das fontes sobre as quais discorreremos a seguir, e atribuir forma às discussões que circulam em torno das relações políticas sobre as quais este trabalho se ancora. Nos tópicos a seguir, abordaremos, à luz das evidências históricas, o engajamento político dos representantes da Igreja católica conservadora e progressista, que tiveram papel decisivo nos sons que ecoaram em meio a ditadura militar argentina.

2.2 Avanço conservador e legitimação ideológica do aparelho de Estado

A religião Católica é um movimento com fieis distribuídos por nações de todo o mundo, seus regimentos hierárquico, político e social estão subordinados às orientações do Vaticano na figura de seu líder máximo, o papa. O historiador, ao se dispor em desenvolver trabalhos que propõem abordar a instituição católica como objeto de estudo deve se atentar às particularidades que envolvem o contexto do espaço que acomoda um pequeno ramo desta extensa organização. Como toda instituição de amplo alcance, a Igreja Católica abriga fieis e sacerdotes com posicionamentos ideológicos distintos, premissa que conduz o olhar analítico a pareceres diversos presentes nas Conferências Episcopais e nas manifestações públicas de figuras que professam a mesma fé, porém que defendem olhares teológicos diferenciados. É problemático afirmar que as mesmas demandas defendidas pelo Episcopado argentino se articula, em termos políticos, com as

⁸⁵Idem, p.p 51 e 63.

particularidades dos núcleos católicos distribuídos pelo globo. Portanto, é a partir desta premissa que este trabalho se desenvolve.

A Igreja Católica argentina esteve, a partir da década de 1930⁸⁶, empenhada em estabelecer sua ideologia cristã em território nacional, a fim de fortalecer o projeto de nação católica. Para cumprir seu objetivo, a hierarquia episcopal passou a se relacionar com a política nacional, desenvolveu alianças e experimentou desavenças com oficiais militares que, muitas vezes à frente ou com forte influência em diversos governos desde então⁸⁷, reagiram às propostas católicas de acordo com seus princípios ideológicos em contraste com as demandas políticas particulares.

Na noite do dia 24 de março de 1976 as Forças Armadas, chefiadas por Jorge Rafael Videla, General do Exército, aplicaram um golpe de Estado que derrubou o governo de María Estela Martínez de Perón, mais conhecida como *Isabelita Perón*, e inaugurou o que viria a ser a ditadura mais sangrenta da história argentina. Representantes da hierarquia episcopal prestaram apoio ao plano de reorganização nacional e, ao longo deste processo⁸⁸, justificaram-no com argumentos simpatizantes à fé católica. A colaboração da Igreja com os militares incluiu suporte para extrair delações de presos políticos e encorajar militares ao ofício da repressão.

No tocante à relação entre Igreja e Estado no período da ditadura, Videla, numa entrevista em 2012 para a revista espanhola *Cambio 16*, afirmou ter sido “excelente, muito cordial, sincera e aberta”⁸⁹, no entanto, é pertinente esclarecer que o contato entre

⁸⁶DI STEFANO, Roberto & ZANATA, Loris. *La historia de la iglesia argentina: Desde la conquista hasta finales del siglo XX*. Buenos Aires, Grijalbo Mondadori, 2000.

⁸⁷Na argentina ocorreram seis golpes de estado no século XX levando militares à posição de presidentes nacionais, sendo nos anos 1930, liderado pelo general José Felix Uriburu, Arturo Rawson, Pedro Pablo Ramírez e Edelmiro Farrell foram os responsáveis por suceder o conflituoso cenário político pós-1943, Eduardo Leonardi e Pedro Eugenio Aramburu foram os ditadores sucessores da Revolução Libertadora de 1955, José Maria Guido, ditador civil, foi responsável pelos anos sucessivos a 1962-63. Juan Carlos Onganía, Marcelo Levingston e Alejandro Lanusse foram os ditadores sucessores da chamada Revolução Argentina em 1966, e por fim Jorge Rafael Videla, Emilio Eduardo Massera e Orlando Ramón Agostí foram os responsáveis pelo golpe de Estado de 1976, sucedidos por Roberto Eduardo Viola, Armando Lambruschini, Omar Domingo Rubens Graffigna, entre os anos 1980-81, Leopoldo Fortunato Galtieri, Basilio Lami Dozo e Jorge Isaac Anaya, entre 1981-82 e Cristiano Nicolaidis, Rúben Franco e Augusto Jorge Hughes entre 1982-83.

⁸⁸Em seu primeiro discurso como presidente da república, Jorge Rafael Videla lançou o projeto de *proceso de reorganización nacional* para estabilizar o país em esferas econômicas, políticas e sociais. *Videla, primera Cadena Nacional, 1976*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IAmbhpxPJtg>. Último acesso em 11/06/2018.

⁸⁹*Videla: ‘La Iglesia nos asesoró’ con la situación de los desaparecidos*. Disponível em: <http://www.elmundo.es/america/2012/07/22/argentina/1342973581.html>. Último acesso em: 11/06/2018.

as instituições não se restringiu à cordialidade, o Episcopado Argentino encontrava-se dividido quanto às correntes teológicas da Igreja durante o regime, conflitos que acentuadamente reverberaram no cenário político-ideológico. Os conflitos internos gerados pela abertura do Concílio Vaticano II, de 1965, se acentuaram ao longo do *proceso*. Enquanto a hierarquia episcopal conservadora se mobilizou na base de apoio ao regime militar, sacerdotes simpáticos à Teologia da Libertação sofreram duras perseguições resultando em casos de assassinatos como foi com Monsenhor Angelelli, bispo de La Rioja, sobre o qual trataremos adiante.

Segundo Emílio F. Mignone⁹⁰, a hierarquia do Episcopado argentino foi devidamente informada sobre o plano de derrubar o regime constitucional de Isabelita Perón a fim de estabelecer o golpe militar:

Las cabezas del Episcopado católico fueron debidamente informadas de los planes para derribar el régimen constitucional y establecer por un lapso prolongado una dictadura militar, seguida de un nuevo orden político y social. Como señalé em el capítulo anterior, la noche previa al pronunciamiento dos de los jefes de la conspiración – el general Jorge Videla y el almirante Emilio Massera – se reunieron con la jerarquía eclesiástica em la sede de la Conferencia Episcopal. El mismo día del golpe de Estado, 24 de marzo de 1976, los integrantes de la junta militar mantuvieron una larga sesión con monsignor Adolfo Tortolo, arzobispo de Paraná, vicario castrense y presidente de la Conferencia Episcopal Argentina (MIGNONE, 1986, p.47).

O apoio ao regime militar prestado pela hierarquia episcopal não se tratou simplesmente de simpatias ideológicas acerca do bem estar político da nação em vista da oportunidade de concessão de vantagens que ambas instituições enxergaram na possibilidade de colaboração mútua. Apoiar o novo projeto político significaria para a Igreja novas oportunidades de acesso ao centro da política do país e entrada para o estabelecimento de relações fulcrais no que se refere à instalação da “nação católica” - projeto defendido arduamente pela categoria conservadora do catolicismo argentino guiados pelo *tomismo*⁹¹. No tocante aos interesses militares, o alinhamento com a cúpula católica lhes garantiria apoio e propaganda moral de suas ações e, conseqüentemente, as

⁹⁰O trabalho de Emílio F. Mignone “Iglesia y dicatura: el papel de la iglesia a la luz de sus relaciones con el régimen militar” nos oferece informações preciosas acerca do envolvimento do Episcopado Argentino com o Regime Militar. Diante de sua característica cocontestatória, tratamo-nos de utilizá-lo como documento histórico essencial para o desenvolvimento desta pesquisa.

⁹¹DI STEFANO, Roberto & ZANATA, Loris. Op, Cit.

possibilidades de maior adesão popular ao plano de reorganização nacional aumentariam, além, sobretudo, de a Igreja Católica representar um poderoso aliado no combate à “subversão”, que imperou nas ditaduras latino-americanas após o sucesso da revolução cubana:

El acuerdo alcanzado resulta claro a la luz de los acontecimientos que siguieron. El régimen tendríavía libre em su acción represiva y contraría com el apoyo del Episcopado, a cambio de la presunta defensa que aquél asumiría de la “civilización occidental y cristiana” y la consolidación de los privilegios de la Iglesia” (MIGNONE, 1986, p.47).

O desenrolar da ditadura militar gerou desaparecimentos, sequestros, torturas e assassinatos de indivíduos sobre os quais movimentos sociais como *las madres de mayo* e o *Clamor* (Brasil) se engajaram na luta por esclarecimentos por parte do Estado – em especial no caso de bebês vítimas de sequestro. No ano de 1983, o CONADEP (*Comisión Nacional Sobre la Desaparición de Personas*) lançou o relatório *Nunca Más*, o qual denunciou os crimes contra os direitos humanos praticados entre os anos 1976-1983 na Argentina⁹²; o mesmo relatório registrou denúncias contra religiosos da cúpula católica que estavam presentes durante sessões de tortura e que buscaram justificar as ações do Estado em função, segundo eles, do progresso do país. Segundo o relatório, o Episcopado argentino condenou veementemente os atos de violência contra os direitos humanos que foram investigados pela CONADEP, contudo salientou a presença de religiosos que, apesar do posicionamento público do Episcopado, contribuíram através de seu silêncio ou com manifestações que justificavam as ações repressivas por parte do Estado. O relatório conta com relatos de testemunhas que confirmaram a presença de religiosos católicos junto a funcionários oficiais responsáveis diretos pelas sessões de tortura. Também foram confirmadas a presença de padres em prisões clandestinas, como foi o caso de Christian Von Wernich⁹³, mencionado em testemunhos de ex-policiais e detentos.

Uma das testemunhas, pertencente às forças de segurança, relatou que estava escalada para transportar “ex-subversivos⁹⁴” até o Aeroparque (aeroporto instalado em

⁹²No Brasil, Dom Evaristo Arns, com os mesmos objetivos, lançou o livro *Brasil Nunca mais*.

⁹³Christian Von Wernich foi um sacerdote católico e pároco da capela militar durante a ditadura militar argentina. Em 2007 Von Wernich foi julgado e condenado por prisão perpétua em Córdoba por seus crimes contra os direitos humanos durante *El Proceso*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0EUFB9EIsnM>> Último acesso em: 31/05/2018.

⁹⁴Figuras que provavelmente foram presos por sua ideologia política e decidiram renunciá-las durante sessões de tortura ideológica ou física.

Buenos Aires) e que o Padre Von Wernich esteve presente durante sua posse ao cargo de Comissário Geral. O relato⁹⁵ deste policial expressa cautelosamente a relação que clérigos conservadores mantiveram com as forças de segurança do Estado durante o processo.

O depoimento de Julio Alberto Emmed, também ligado às forças de segurança, relata⁹⁶ detalhes de sua participação no assassinato de três prisioneiros, processo do qual Christian Von Wernich acompanhou de perto. A experiência de Emmed registrada no relatório, para além da narrativa dos métodos de assassinato adotados pelo Estado, evidencia não somente a participação de Von Wernich durante o ato criminoso, mas aponta o teor do discurso ideológico adotado pelo *cura* para justificá-lo. Para Von Wernich, e também para outros sacerdotes como Victorio Bonamín⁹⁷, a Argentina estava inserida num quadro de guerra ideológica, social e política, e portanto faziam-se necessárias severas medidas de enfrentamento aos ideais subversivos que proliferavam nas bases sociais da nação e que deveriam ser extirpados. Lucas Bilbao e Ariel Ledesma (2016) discutem a oratória de Bonamín enquanto discurso legitimador das ações do Exército:

Bonamín había assumido hacía tiempo la acción de la oratoria como un instrumento concientizador. Sus palabras reafirmaba na hora que el gobierno de lo divino y lo temporal eran parte del mismo entramado político. El 29 de diciembre registró: “20:30 hs.: Em el Edificio Libertador: bendición de sables a los nuevos Generales”. Esa noche, expresó em el recinto⁹⁸.

A lógica deste discurso apresenta sinais da interferência religiosa por meio da justificação ideológica em nome da paz no meio político, estabelecendo ligações entre duas engrenagens institucionais que objetivavam, em ação conjunta, alcançar seus obscuros objetivos de reorganização nacional.

⁹⁵Informe de la Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas. Disponível em: <http://www.desaparecidos.org/arg/conadep/nuncamas/nuncamas.html>. Último acesso em: 11/06/2018.

⁹⁶Informe de la Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas. Disponível em: <http://www.desaparecidos.org/arg/conadep/nuncamas/nuncamas.html>. Último acesso em: 11/06/2018.

⁹⁷Nascido em Rosário, Victório Manuel Bonamín iniciou sua preparação ao sacerdócio em 1919. Em 1925 incorporou ao seminário salesiano de Bernal onde cursou seus anos preparatórios. Sua formação filosófica e teológica começou em Córdoba, no Instituto Teológico y Filosófico de Villada. Em 1960 foi designado bispo titular de Bitá e auxiliar do cardeal Antonio Caggiano, arcebispo de Buenos Aires. Em 20 de março foi ordenado e nomeado provicario castrense poucos dias depois (BILBAO:LEDE, 2016, p.53-55).

⁹⁸ BILBAO, Lucas: LEDE, Aryel. Op, Cit. P. 182.

Segundo Bilbao, Bonamín realiza uma oração através da qual intercede pelos militares que estão em serviço responsável pelo estabelecimento da ordem e da justiça em nome de Deus. Esta oração, para além das prerrogativas de colaboracionismo com o aparelho de Estado, centra-se num ideal disseminado por um agente católico-conservador que se vale de uma oratória recheada de conceitos ligados intimamente ao contexto bíblico como se estes soldados estivessem prontos para uma cruzada em nome do bem comum:

Bendicélos a ellos, Padre, como em tu Santo nombre nosotros los bendicémos, ahora que entran em más estrechas relaciones contigo, pues dispondrán más seriamente de esos atributos de tu soberanía, que son la autoridad, el poder, el mando. Anímalos y confórtalos con tu bendición, para que no defallezcan en laru da batalla contra tus própios enemigos, de tu Pueblo, en que están empeñados. [...] Bendíceles el arma con que defienden el amor. Tu palabra, Señor, es espada como proclamo tu apóstol Pablo; la espada en manos de estos hombres es, a su modo, palabra tuya pidiendo justicia y paz, sosiego y orden para esta querida patria argentina convulsionada por quien es desoyendo tu palabra de amor se condenan a tener que oír tu palabra de acero⁹⁹.

O plano ideológico católico de cooperação com o Regime Militar esteve presente também no empenho do Estado em colher informações de carcereiros acusados de práticas políticas subversivas. O testemunho de Luis Velasco¹⁰⁰, sobrevivente da violência do aparelho de Estado, menciona Christian Von Wernich em diálogo com um dos detentos que suplicava em favor de sua vida, o religioso, no entanto, respondia afirmativamente que *a vida dos homens dependem de Deus e também de sua colaboração*¹⁰¹. Von Wernich e Victorio Bonamín não foram os únicos sacerdotes reconhecidos por sua conivência com o regime militar. Alejandro Cacabello¹⁰² também foi citado nas denúncias coletadas pelo CONADEP. Esebío Héctor Tejada, testemunha contra os delitos de Cacabello, afirma que em 1980 foi submetido a sessões de tortura, com a presença do sacerdote, por se negar a colaborar com os propósitos dos representantes das instâncias presentes (Igreja e Estado):

⁹⁹ BILBAO, Lucas: LEDE, Aryel. Op, Cit., . P.p 182-183.

¹⁰⁰ Luis Velasco foi depoente durante o processo que culminou na condenação a prisão perpétua de Von Wernich. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GyEwyJl3xVk> Último acesso: 31/05/2018.

¹⁰¹ Informe de la Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas. Disponível em: <http://www.desaparecidos.org/arg/conadep/nuncamas/nuncamas.html>. Último acesso em: 11/06/2018.

¹⁰²

“... Em la cárcel de Caseros, alrededor de marzo de 1980, fui sometido a sesiones de tortura por el Jefe de la Requisa, em compañía del Jefe Interno y en presencia del sacerdote Cacabello, por negarme a colaborar con ellos...”

“Dejo constancia que en todo el tiempo de mi detención, em ningún momento se me hizo cargo alguno y que estuve a disposición del P.E.N.” (Testimonio de Esebio Héctor Tejada, Legajo N° 6482)¹⁰³.

A presença dos religiosos nas sessões de tortura que tinham por objetivo extrair possíveis delações das vítimas, realizar missa a detentos, justificar a violência em nome do bem coletivo, apelar à causa “maior” e ao futuro da nação, foram estratégias adotadas pela Igreja como meio efetivo de cooperação à política de extermínio do Regime Militar. O Estado precisava de um braço que pudesse exercer a função de pressionar suas vítimas através de retóricas apelativas e chantagistas a fim de prosseguir com a tentativa de acumular o máximo de informações acerca dos “inimigos da pátria”. A Igreja foi um forte aliado e soube reger à sua maneira a orquestra ideológica a estes propósitos.

Outro sacerdote citado em denúncias é Pelanda Lopez¹⁰⁴, também com propósito de justificar a violência regida pelo Estado:

“...los domingos me visitaba brevemente el capellán Pelanda López, manteniendo una corta charla en el calabozo, llegaba a justificar la tortura. En una oportunidad uno de los detenidos le dijo: "Padre, me están torturando terriblemente en las indagatorias y le ruego que intermedie para que no me torturen más". A lo que Pelanda López le contestó: "Y bueno mi hijito, pero qué querés si vos no cooperás con las autoridades que te interrogan". En otra oportunidad le manifesté al capellán que no era posible que se me siguiera torturando como lo estaba haciendo, a lo que Pelanda López contestó: "Ustedes no tienen autoridad para quejarse de la tortura."

(Testimonio del sindicalista Plutarco Antonio Schaller - Legajo N° 4952).¹⁰⁵

¹⁰³Informe de la Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas. Disponível em: <http://www.desaparecidos.org/arg/conadep/nuncamas/nuncamas.html>. Último acesso em: 11/06/2018.

¹⁰⁴Felipe Pelanda López foi capelão auxiliar nas unidades do exército com assentona cidade de La Rioja, entre 1959 a 1968. E *castrense* do batalhão 141 de engenheiros da mesma província. Dessa unidade assumiu cargo em um CCD nas instalações do Departamento de Polícia da cidade de La Rioja.

¹⁰⁵Informe de la Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas. Disponível em: <http://www.desaparecidos.org/arg/conadep/nuncamas/nuncamas.html>. Último acesso em: 11/06/2018.

Um terceiro sacerdote é mencionado como figura fundamental para a política de cooperação ao aparelho Estatal: Monsenhor José Miguel Medina. Reynaldo Saman, Mario Heriberto Ruben López e Eulogia Cordero de Garnica, também testemunhas, relataram a presença de Monsenhor Medina, Bispo de Jujuy, nos cárceres de Jujuy realizando missas e chantagens direcionadas a carcereiros a fim de levantar depoimentos acerca de possíveis mobilizações subversivas. Segundo Saman, o discurso de Medina durante as missas era centralizado no bem comum ofertado pelas Forças Armadas em sua política de violência. López apenas cita a presença de Medina nas prisões, e Garnica menciona a oferta do sacerdote em recuperar sua filha desaparecida em troca de informações que a vítima supostamente encobria¹⁰⁶.

A Igreja, reconhecida enquanto símbolo de solidariedade e espaço de comunhão, foi elegida por parentes, em busca de respostas acerca dos desaparecimentos frequentes, como recinto de auxílio às vítimas e possível mediadora entre população católica e o Estado no que concerne às informações e possível recuperação das vítimas de sequestro. No entanto, não foi essa a postura assumida oficialmente pela entidade. O escritor Emílio F. Mignone, católico, autor de *Iglesia y ditadura* (1986), foi um dos sujeitos que procurou respostas no sacerdócio episcopal após o sumiço de sua filha Mônica¹⁰⁷. Segundo relata em seu trabalho, sua filha foi sequestrada às cinco horas da manhã, no dia 14 de maio de 1976, em Buenos Aires, após um grupo de homens fortemente armados invadirem sua residência. Em seu relato, Mignone afirma acreditar, em concordância com sua esposa, que este procedimento questionável compunha a rotina das Forças Armadas (idem).

Vinculados ao catolicismo, Mignone e sua esposa buscaram estabelecer contato com Monsenhor Adolfo Servando Tortolo, o qual era, naquele momento, arcebispo de Paraná, vigário das Forças Armadas e presidente da Conferência Episcopal Argentina. Antigo vigário geral da diocese de Mercedes, Tortolo, segundo afirma Mignone, era envolvido com jovens e foi amigo e conselheiro dos integrantes da junta militar de Videla e Agosti¹⁰⁸. No entanto, a esperança do casal sucumbiu diante das negativas do religioso sobre desaparecimentos e métodos de tortura aplicados pelo Estado. Tortolo, em 14 de outubro de 1976, reafirmou, ao conceder entrevista a jornalistas, tais prerrogativas acerca do desconhecimento da violência aplicada pelas Forças Armadas. Segundo Mignone,

¹⁰⁶Idem.

¹⁰⁷ MIGNONE, Emilio Fermín. Op, Cit., P.15.

¹⁰⁸ Idem, P.17.

havia outros pais à procura de Tortolo a fim de esclarecimentos. No ano seguinte, o sacerdote se manifestou declarando apoio ao regime militar (...) *la Iglesia piensa – expresó- que el gobierno de las fuerzas armadas es una exigencia de la coyuntura...Por lo tanto se tiene la convicción de que las fuerzas armadas, aceptando l aresponsabilidad tan grave y seria de esta hora, cumplen con su deber*¹⁰⁹. Após o fracasso com Tortolo, o casal recorreu ao bispo Victório Bonamín, que também afirmou desconhecer casos pontuais de desaparecimentos. Mignone definiu Bonamín como *Profeta del genocidio*, epíteto apropriado pelos historiadores Lucas Bilbao e Ariel Lede, os quais publicaram um trabalho com o mesmo nome, sendo resultado da análise crítica dos diários de Bonamín¹¹⁰.

Em *Profeta del Genocidio*, Lucas Bilbao e Ariel Lede mencionam casos em que o Vicariato Castrense recebeu familiares de detidos e desaparecidos, que, assim como Mignone, acreditaram encontrar na Igreja assistência no tocante às demandas levantadas:

La Iglesia católica fue una de las primeras en recibir por parte de los familiares de los desaparecidos pedidos de información e intervención que por lo general fueron evadidos. El vicariato em particular designó para la tarea de atender a los familiares al secretario Emilio Grasselli, quien llegó a confeccionar 2500 fichas con adatos de detenidos y sus familiares, com el pretexto y la promesa de realizar averiguaciones sobre sus paraderos. La situación de acudir ao vicariato “*por presos políticos*” representaba un problema, según len manifesto Bonamín a Tortolo. Sin embargo, este ordenóno cortar “*las visitas de ‘deudos’*” (DVB 17 y 18/11/1976).¹¹¹

Bonamín, enquanto vigário¹¹² das Forças Armadas, pôde intervir em dois casos que geraram resultados positivos às famílias. Estes foram os casos da liberdade de María Eugenia Sánchez e Liliana Burgos, estudantes de Letras, em Rosário, ambas com 20 anos de idade. No dia 26 de setembro de 1975, Sánchez e Burgos foram capturadas após a polícia encontrar em suas casas materiais que remetiam à militância política. Em dezembro foram transferidas para outra prisão, em Villa Devoto (Buenos Aires). O pai de

¹⁰⁹ Idem, p.20.

¹¹⁰ Idem, P.15

¹¹¹ BILBAO, Lucas; MENDONÇA, Ariel Lede. Op, Cit., p.194.

Mons Tortolo: informe sobre medidas precaucionales tomadas em la Casa. Pide que no cortemos las visitas de “deudos”. Citação transcrita do dicionário de Victório Bonamín, preservado pelo *Archivo Nacional de la Memoria* e composto no trabalho de Bilbao e Lede (2016, p.459).

¹¹² Na hierarquia do Vicariato Castrense, o *provicario* seria a segunda autoridade do colegiado abaixo do Vicário.

Sánchez, Manuel Sánchez, católico e com currículo eclesial, rogou a Bonamín pelas prisioneiras, as quais foram liberadas mediante a influência do sacerdote¹¹³.

Outro caso que Bonamín interveio foi no de seu sobrinho Luis Anselmo Bonamín o qual foi sequestrado, torturado e assassinado numa dependência policial *mientras realizaba com otros compañeros una pintada callejera exigiendo la apertura de paritarias*¹¹⁴. O *provicario* se valeu de sua influência no vicariato para investigar informações acerca do ocorrido com seu sobrinho. Segundo os autores, todas as menções sobre o caso estão registradas no dicionário de Victório Bonamín entre os dias 17 e 31 de março e 10 e 11 de Abril, de 1976.¹¹⁵

Percebe-se nos casos mencionados em contraste com os relatos de Mignone e Bilbao, que Bonamín, sacerdote de ofício religioso e funcionário público por meio do *Vicariato Castrense*, interveio em casos de vítimas ligadas ao seu círculo social, como foi a ocorrência de seu sobrinho. Bilbao e Ledesma, ao analisarem os registros de seu diário, concluíram que a seletividade de Bonamín diz muito a respeito do nível de conhecimento que dispunha acerca dos métodos repressivos do Estado, contradizendo o discurso inicial e negacionista do religioso direcionado a Mignone:

Las acciones desplegadas por Bonamín revelan, en primer lugar, el grado de conocimiento que tuvo sobre los métodos represivos del terrorismo de Estado. Que en sus diarios haya registrado frases como “descartada cualquier intervención del Ejército”; “habría sido llevado todavía vivo”; “¿fueron marinos de la ESMA?”; “el Ejército se negaba a hacerlo, lo hizo la Policía Federal” (...) (BILBAO:LEDE, 2016, pp. 201-202)

A conjuntura política ao longo dos anos que perdurou o regime militar foi de instabilidade. Ao ser questionado sobre a causa sindical que estava sendo debatida na Argentina concomitante ao governo militar, Monsenhor Raul Francisco Primatesta emitiu sua opinião defendendo que os cristãos deveriam compartilhar seus bens sem entrar em lutas de classe que não ajudam em nada¹¹⁶. A opinião do religioso, que foi também denunciado por crimes contra os direitos humanos, acentua a posição de apoio ao regime por meio da influência católica no campo social, extrapolando as ações mobilizadas nos porões

¹¹³BILBAO, Lucas; MENDONÇA, Ariel Ledesma. Op. Cit., p.198-199.

Bilbao e Ledesma relatam o registro de 14 encontros entre Janeiro e Maio de 1976 entre Bonamín e Manuel Sánchez.

¹¹⁴ Idem. P.200.

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ Idem.

clandestinos e se servindo de base aos variados tentáculos do Estado voltados também às esferas da cultura e da sociedade de forma geral.

Representantes da Igreja foram, em muitos casos, procurados pela imprensa para responder perguntas voltadas aos protestos recorrentes acerca das reclamações de desaparecimentos de pessoas e polarização no cenário político. Questionado pelo jornal *Clarín*, publicado em 18 de outubro de 1981, sobre a possível lista de desaparecidos a ser revelada, o então arcebispo de Córdoba e presidente da Conferência Episcopal Argentina, cardeal Raúl Francisco Primatesta não proferiu palavras de questionamentos e reivindicações – essas que receberam assinatura de religiosos progressistas, católicos e evangélicos – contra o Estado, porém salientou apenas a posição da Igreja em estabelecer diálogo com as autoridades a fim de chegar a alguma solução¹¹⁷.

Um jornal oriundo do Rio Grande do Sul¹¹⁸, em 22 de agosto 1978, publicou um artigo no qual menciona a opinião do reitor da PUC de Buenos Aires sobre o Exército e o fim da guerrilha argentina. Segundo o jornal, o reitor Octávio Derisi agradece a Deus pelo fim da guerrilha “marxista”, dos movimentos neonazistas e fascistas. Segundo o reitor, o “desaparecimento” destes grupos se deu com a tranquilidade e calma que o atual governo [de Videla] trouxe à nação¹¹⁹. A posição firmada pelo reitor da PUC de Buenos Aires traz ao debate a proliferação do discurso reacionário inerente ao conservadorismo católico argentino presente também em universidades confessionais, as quais, na ótica do plano de estabelecimento de uma nação católica, poderiam apresentar potencial força institucional de doutrinação político-religiosa.

Em 01 de novembro de 1979 o Papa João Paulo II emitiu um texto oficial que gerou repercussão tanto na Argentina quanto no Chile acerca dos desaparecidos. Segundo o pontífice:

Así, em ocasión de los encuentros con peregrinos, com obispos de América Latina, en particular de la Argentina y Chile, aparece a menudo el drama de las personas perdidas o desaparecidas. Oramos para que el Señor reconforte a cuantos no tienen ya esperanza de volver a abrazar a sus propios seres queridos¹²⁰

¹¹⁷Idem.

¹¹⁸A fonte, deteriorada, não menciona o nome do jornal.

¹¹⁹Fundo Clamor. Comissão Coordenadora / Intercâmbio de Informações e publicações. Caixa 12.

¹²⁰Fundo Clamor. Comissão Coordenadora / Intercâmbio de Informações e publicações. Caixa 11.

O discurso de João Paulo II, embora demonstre atenção à realidade presente tanto na Argentina quanto no Chile no tocante aos desaparecidos, pouco sugere que o pontífice tenha marcado posição [política] em assumir a responsabilidade de averiguar com minúcia os trâmites obscuros da Igreja conservadora platina. Sua manifestação converge às demagogas manifestações públicas de representantes do episcopado argentino afirmando a necessidade de resolver os problemas dos desaparecidos.

2.3 Uma Igreja contestadora

Como frisamos no início deste trabalho, a Igreja Católica é uma instituição de ampla dimensão, que abriga no seio de sua organização fieis distribuídos por regiões diversas, movidos por interesses distintos. Não é diferente quando o assunto tratado invade o campo da política. Em junho de 1980, *las madres de mayo*, movimento social engajado na luta em favor da publicação da lista com nomes de desaparecidos e também na recuperação de crianças, filhos ou filhas de presos, desaparecidos ou assassinados políticos, emitiram uma solicitação por meio do jornal *Clarín* reivindicando a publicação da lista mencionada. O movimento social contou com o apoio de correntes envolvidas com a igreja católica e de outras denominações como metodistas, luteranos evangélicos e presbiterianos¹²¹. Certamente que as distintas temporalidades – 1976 para o diário de Bonamín e 1980 para o documento das mães da praça de maio – revelam momentos distintos da política interna argentina.

Em vista da evidente tradição católica presente na esfera social argentina, o manifesto interesse da hierarquia episcopal em envolver-se na política nacional permitiu que representantes da alta hierarquia do Episcopado argentino fossem ouvidos e tornassem notícia acerca de seus comentários sobre desaparecidos e as ações do Estado¹²². Religiosos progressistas não se omitiram e por meio de folhetos também expressaram sua posição.

¹²¹Fundo Clamor. Comissão Coordenadora / Intercâmbio de Informações e publicações. Caixa 11.

Os arquivos consultados demonstram menor proporção de registros de clérigos progressistas em relação aos conservadores. Reconhecemos que este dado se dá face a crescente repressão dada aos agentes contestatários, bem como a evidente desproporção de forças entre o regime, episcopado e sacerdotes terciomundistas.

¹²²A leitura acerca dos discursos públicos emitidos por representantes da Igreja Católica, em especial aqueles que foram acusados de conivência ao Regime Militar, devem ser analisados friamente à luz dos simbolismos institucionais inerentes ao catolicismo. A Igreja é percebida, no olhar destes religiosos, como epicentro da moralidade e responsável pela reconstrução do país (e do mundo), portanto a defesa de sua imagem está sempre presente na fala destes sujeitos.

Na década de 1980, o padre Jorge Oscar Adur foi assassinado no Brasil por seguranças argentinos, conforme noticia o jornal Voz do Paraná. Segundo o periódico, a perseguição ao religioso foi tratada como urgência. Nascido em 19 de março de 1932¹²³, Adur, no momento do atentado sofrido, integrava a organização militante argentina contestatária à dinâmica capitalista, e portanto do governo, *Montoneros*. Foi fundador da Juventude Independente Católica em 1970, foi membro do MSTM. Foi padre titular das igrejas de *San Isidoro y Olivos*. Num encontro realizado no Brasil com diferentes personalidades compromissadas com a luta sindical, com a causa dos familiares de desaparecidos e também dos presos políticos argentinos, Adur foi sequestrado e conseqüentemente integrou a lista de sacerdotes desaparecidos¹²⁴.

No que se refere a sacerdotes pertencentes a Movimento dos Sacerdotes para o Terceiro Mundo (MSTM), Antônio Puigjané nos chamou a atenção. Puigjané concedeu entrevista ao *Memoria Abierta*, em 2004, e relatou sua experiência política na condição de religioso. Ao ser questionado sobre as raízes políticas de sua família, Puigjané foi enfático ao afirmar que seu pai, embora tenha sido sequestrado, não foi envolvido com militância política. Seu interesse pelo assunto se deu após manifestar, em seu interior, inconformidade com a injustiça social latente na realidade argentina. Para o sacerdote, política se resumia numa ferramenta eficaz ao cumprimento dos princípios cristãos e do bem-estar social.

Puigjané ingressou no MSTM no ano de 1968, quando passou a ter problemas com bispos e militares, segundo relata. Parece-nos que sua inconformidade com as injustiças sociais se deu com clara influência religiosa. Simpatizante à ordem Capuchinha, variante da ordem Franciscana, que, segundo o entrevistado, propaga ideais que defendem o desapego aos bens materiais e dedica-se aos cuidados com os mais pobres, Puigjané foi próximo a Mons. Angelelli, de *La Rioja*, o qual foi assassinado após acidente de carro simulado; segundo o sacerdote, Angelelli poderia ser comparado a Jesus Cristo pela maneira como conduzia sua vida em convergência com os atributos de sua fé. Puigjané afirma que o MSTM desenvolvia profundos questionamentos às riquezas da Igreja e seu *status quo*, ainda afirmara ser adepto da Teologia da Libertação, que, de acordo com suas convicções, convida o ser humano a ser mais solidário. Para o sacerdote,

¹²³ Fundo Clamor. Comissão Coordenadora / Intercâmbio de Informações e publicações. Caixa 13

¹²⁴ Disponível em: <http://www.desaparecidos.org/arg/victimas/a/adurj/>.

a essência dos princípios teológicos é ineficaz se desassociada dos ideais da “Teologia da Libertação”.

Em sua entrevista Puigjané mencionou sua simpatia à Teologia da Libertação com muita frequência, abrindo espaço, até mesmo, para dialogar com o marxismo. Em sua análise, o sacerdote referencia o Marxismo e a Teologia da Libertação a fim de defender o empenho à construção de uma nova realidade social apartada das desigualdades sociais, transformação esta que só é possível, em sua análise, por meio da luta. Puigjané afirmou ter tido conflitos com setores da Igreja Católica e militares por conta de seu engajamento político. Segundo afirmou, no ano de 1972 precisou deixar a região do *Mar del plata* por “perturbar” a comunidade. Ao ser integrado em *La Rioja* afirma que não foi expulso em função da intervenção do Bispo Angelelli. Puigjané manteve contato com as Madres de Mayo – voz de Deus na Terra, para ele - e afirma que, mesmo sendo contestador, Mons. Aramburu¹²⁵ nunca o exigiu que deixasse Buenos Aires, mas que acompanhou bastante perseguição em *La Rioja*, região que sofria com repressão mesmo antes do golpe de Estado de 1976¹²⁶. Puigjané não mencionou ter sofrido retalhos físicos provocados por militares, todavia, em seu relato, notamos a conturbada condição que católicos engajados com a política de base se sujeitaram por se opor à política conservadora estatal.

No dia 16 de outubro de 1981 (periódico não identificado), os bispos de Neuquén e Quilmes, Monsenhor Jaime de Nevares e Jorge Nowac, em concordância com o primeiro Nobel da Paz, Adolfo Perez Esquivel ao lado de representantes de entidades defensoras dos direitos humanos, solicitaram ao presidente Tenente General Roberto Eduardo Viola que se pronunciasse acerca do paradeiro e da situação dos detidos e desaparecidos¹²⁷. Esta publicação nos orienta ao posicionamento adotado por sacerdotes contestatário após 1979, o qual Martin Obregón afirma ser um novo tempo para a *Iglesia del Pueblo*, que, mediante as pressões sociais direcionadas ao governo, puderam após meses de concentração e discussões, manifestar-se.

Movimentos organizados em defesa dos direitos humanos estrangeiros, como o CLAMOR (Comitê de Defesa dos Direitos Humanos Para os Países do Cone Sul), mantiveram em contato com sacerdotes argentinos a fim de contribuir à luta durante o

¹²⁵Juan Carlos Aramburu foi um Cardeal Argentino e Arcebispo de Buenos Aires. Em 24 de maio de 1976 foi designado como Cardeal Presbítero. Morreu em 19 de novembro de 2004.

¹²⁶ Entrevista Antonio Puigjané. Memoria Abierta -Archivo Oral. Disponível catálogo AO0331.

¹²⁷ Fundo Clamor. Comissão organizadora intercâmbio de informações e publicações. Caixa 11.

último regime militar. No dia 24 de janeiro de 1982 Jaime Wright¹²⁸ escreve ao Cardeal Paulo Evaristo Arns explicando a situação embaraçosa que se encontrava Jorge Novak, sacerdote argentino, primeiro bispo de Quilmes, dedicado ao trabalho de base junto aos mais pobres, e fundador do Movimento Ecumênico pelos Direitos Humanos, e que era preciso, então, cessar o envio de correspondências a fim de evitar maiores problemas. Para o pastor, os assuntos pendentes seriam tratados pessoalmente¹²⁹.

No dia 28 de setembro de 1982 Jaime Wright escreveu novamente ao Cardeal Evaristo Arns acerca de sua viagem a Buenos Aires, no dia 05 de Outubro do mesmo ano, a fim de participar de um ato público contra a auto anistia proposta pelos militares. Segundo diz a correspondência, Wright se encontraria com o Bispo de Nevaes, o qual presidiaria o ato. Wright relata, ainda, que pretendia entregar uma carta solidária ao Bispo em referência a sua trajetória de luta durante o regime. Segundo Wright, o Bispo de Nevaes foi um dos poucos religiosos argentinos que mantiveram franca oposição ao regime e sua truculência¹³⁰.

As correspondências de Jaime Wright a Paulo Evaristo Arns detalhando o contato que mantiveram com sacerdotes argentinos, representam a possibilidade de uma rede de comunicações formada entre ativistas de oposição às ditaduras militares concomitantes no cone sul. As redes de comunicação formadas durante este período obscuro da história latino-americana trazem à discussão a articulação gerada entre estes agentes face as fragilidades internas diante de um inimigo que se mostrou, por anos, poderoso e implacável. O movimento transnacional envolvendo CLAMOR, *madres de mayo* e sacerdotes argentinos, é passível de análises cuidadosas acerca desta importante conexão gerada por um “mal comum”.

Manifestações públicas de religiosos progressistas também foram publicadas, porém por meio de registros contestatários, como foi o caso da *Revista Parroquial*, em 1983, que repudiou o documento das Forças Armadas no início da redemocratização, na qual a repressão era justificada pelo bem único da nação e se defendia a anistia¹³¹. No ano

¹²⁸ Pastor Presbiteriano e defensor dos direitos humanos, compõe o corpo de liderança do CLAMOR ao lado do Cardeal Paulo Evaristo Arns.

¹²⁹ Fundo Clamor. Setor correspondências (no ato de nossa consulta as correspondências estavam disponibilizadas em pastas provisórias).

¹³⁰ Idem.

¹³¹ Idem.

2000, a Igreja Argentina emitiu desculpas públicas aos atos cometidos durante a ditadura, sinalizando o reconhecimento de seu envolvimento.

A política de violência marcada pelo Estado durante a última ditadura militar gerou profundos debates durante o processo de redemocratização, em 1983, com manifestos militares em defesa de anistia, mobilizações sociais pela causa dos mortos, sequestrados e desaparecidos e também no imaginário popular em vista do fracasso eminente que foi a guerra das Malvinas, última medida adotada pelos militares a fim de arrebanhar o apoio civil.

A temática da ditadura militar ainda flutua na memória coletiva no tempo presente. Frequentemente nos “aniversários” do golpe periódicos nacionais dedicam páginas de suas edições para trazer à memória os embaraços políticos e sociais causados pelo regime militar, assim como personalidades também firmam posicionamento em suas redes sociais com a frase de protesto *Nunca Más*.

2.4 A Igreja Argentina chega ao Vaticano: debate em torno de Jorge Mário Bergoglio

O debate acerca do apoio e envolvimento católicos durante *El Proceso* acentuou-se no ano de 2013 quando Jorge Mario Bergoglio foi eleito o novo Papa após a renúncia de Bento XVI. Chefe da ordem dos Jesuítas durante o regime militar, Bergoglio sofreu acusações de ter retirado a proteção da Igreja dos jesuítas Orlando Yorio¹³² e Francisco Jalics¹³³, os quais eram dedicados ao trabalho de base em comunidades em Buenos Aires. A repercussão das acusações foi tema de periódicos mundiais. No Brasil, veículos de imprensa como *BBC*¹³⁴, *El País* e *Folha de São Paulo* cobriram o debate acerca da ascensão do novo pontífice. O editorial da Folha de São Paulo publicou em 13 de março 2013 a polêmica envolvendo o Papa Francisco:

¹³² Orlando Yorio, argentino de Santos Lugares, foi um sacerdote Jesuíta formado em Direito e Teologia. Foi sequestrado pelo terrorismo de estado argentino em 1976 ao lado de Francisco Jalics os quais permaneceram detidos na *Escuela de Mecánica de la Armada* por cinco meses.

¹³³ Jalics nasceu em Budapeste, na Hungria, deixou seu país após a Segunda Guerra Mundial e foi compor a ordem dos Jesuítas na Alemanha. Estudou filosofia na Bélgica. No final da década de 1950 fez palestras na América do Sul, em países como Chile e Argentina. Em 1976, ao lado de Orlando Yorio, foi sequestrado pelo terrorismo de estado e permaneceu preso por cinco meses.

¹³⁴ BBC Brasil – 14/03/2013: *Entenda as acusações contra Papa Francisco*. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/03/130314_ditadura_papa_ru> . Último acesso em: 01/06/2018.

Em 2005, o jornalista Horacio Verbitsky acusou o então arcebispo de ter contribuído para a detenção, em 1976, pelas Forças Armadas, de dois sacerdotes que trabalham sob seu comando na Companhia de Jesus, Francisco Jalics e Orlando Yorio. A história foi registrada no livro “El Silencio”.

A acusação não é inédita. Rumores sobre uma suposta colaboração de Bergoglio com a ditadura já haviam sido ventilados na Argentina por críticos do perfil conservador¹³⁵ do cardeal. É a primeira vez, no entanto, que se publicava um registro oficial da atuação de Bergoglio no episódio¹³⁶.

Jornais estadunidenses e franceses também levantaram as acusações a Bergoglio através dos periódicos *The Guardian*¹³⁷, *BBC*¹³⁸, *Le monde*¹³⁹ e *La Croix*¹⁴⁰. O primeiro se valeu de contextualizar o envolvimento da Igreja Católica durante *el proceso* e a polêmica em torno de Bergoglio. Na Argentina, o periódico *Clarín*¹⁴¹ registrou sucessivas matérias acerca do possível envolvimento de Bergoglio com o regime militar, salientando, a contrapelo, o depoimento de Francisco Jalics acentuando que Bergoglio não os

¹³⁵Perfil do qual se mostrou profundamente distante dos discursos públicos de Bergoglio enquanto líder religioso. Francisco tem se mostrado solidário às pautas progressistas como justiça social e apoio ao movimento LGBT.

¹³⁶*Novo papa, cardeal argentino combateu FMI e é acusado de ajudar ditador*. Folha de São Paulo, 13/03/2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/1245714-novo-papa-cardeal-argentino-combateu-fmi-e-e-acusado-de-ajudar-ditador.shtml>. Último acesso em: 01/06/2018.

¹³⁷*Pope Francis: questions remain over his role during Argentina's dictatorship*. The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2013/mar/14/pope-francis-argentina-military-junta>. Último acesso em 01/06/2018.

¹³⁸*Pope Francis and Argentina's 'disappeared'*. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/magazine-22064929>. Último acesso em: 01/06/2018.

¹³⁹*Em Argentine, "Bergoglio n'a jamais émis aucune critique contre la dictature"*. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2013/03/15/le-pape-francois-a-une-conception-traditionnelle-du-pauvre_1848793_3214.html. Último acesso em: 01/06/2018.

¹⁴⁰*Verbitsky, le principal accusateur du pape François travaillait en fait pour la dictature*. Disponível em: <https://www.la-croix.com/Religion/Actualite/Verbitsky-le-principal-accusateur-du-pape-Francois-travaillait-en-fait-pour-la-dictature-2015-05-19-1313779>. Último acesso em: 01/06/2018.

¹⁴¹*“La lista Bergoglio” revela como el Papa salvó a perseguidos por la dictadura*. Disponível em: https://www.clarin.com/politica/lista-bergoglio-papa-perseguidos-dictadura_0_SJjZpDVswQe.html. Último acesso em: 01/06/2018.

La única entrevista que dio Bergoglio sobre la dictadura. Disponível em: https://www.clarin.com/mundo/unica-entrevista-dio-Bergoglio-dictadura_0_SyKWKf9sP7e.html. Último acesso em: 01/06/2018.

Carloto, sobre el Papa y la dictadura: “Me informaron mal”. Disponível em: https://www.clarin.com/mundo/unica-entrevista-dio-Bergoglio-dictadura_0_SyKWKf9sP7e.html. Último acesso em 01/06/2018.

De vincular a Bergoglio com la dictadura a reivindicarlo como Papa: el giro de Hebe. Disponível em: https://www.clarin.com/politica/bergoglio-dictadura-reivindicarlo-papa-hebe_0_VJl1yaZMb.html. Último acesso em: 01/06/2018.

El Jesuita Jalics: “El padre Bergoglio no nos denunció”. Disponível em: https://www.clarin.com/mundo/jesuita-Jalics-padre-Bergoglio-denuncio_0_HyQekx5sw7g.html. Último acesso em: 01/06/2018.

denunciou. Entretanto, o *Página 12*¹⁴², através do jornalista Horácio Verbitski – autor do livro *El Silencio*¹⁴³-, não demonstrou tanta cautela quanto o primeiro na análise da ligação entre o então chefe da Ordem dos Jesuítas argentina e o aparelho de Estado. Verbitski, em sua matéria publicada em 17 de março de 2013, demonstrou incisiva certeza ao declarar a incontestabilidade dos relatos e documentos “comprobatórios” das acusações ao novo pontífice. Segundo Verbitski:

La primera conferencia de prensa del vocero del papa Francisco fue para desprenderse de Jorge Mario Bergoglio, acusado por la entrega de dos sacerdotes a la ESMA. Como los testimonios y los documentos son incontestables, el camino elegido fue desacreditar a quien los difundió, señalando a este diario como izquierdista. Las tradiciones se conservan: es lo mismo que Bergoglio dijo de Jalics y Yorio ante quienes los secuestraron¹⁴⁴.

No mesmo ano da ascensão de Bergoglio ao papado, concomitante às acusações de seu envolvimento com o regime militar, Francisco Jelics se pronunciou publicamente, em Berlim, acerca da ligação do religioso no processo que gerou seu sequestro ao lado de Orlando Yorio:

“Não posso me pronunciar sobre o papel do padre Bergoglio (futuro Papa Francisco, nr) nesses sequestros (...) Deixei a Argentina após a nossa¹⁴⁵ libertação. Depois, tivemos a oportunidade de discutir os fatos com o padre Bergoglio, que nesse meio-tempo se tornou arcebispo de Buenos Aires (...) Nós celebramos juntos uma missa pública. Estou em paz com o que aconteceu e considero a história encerrada (...) Desejo que o Papa Francisco receba as bênçãos divinas no exercício de sua missão.”¹⁴⁶

O pronunciamento de Jelics expressa o interesse de um agente singular compromissado em não se envolver com polêmicas de proporção extraordinária. Embora este objetivo pareça ter sido alcançado, em vista da ausência de publicações com o nome do missionário, a entrevista não manifesta, em sua essência, o interesse visível do jesuíta

¹⁴²Página 12 – 17/03/2013: *Cambio de piel*. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-215961-2013-03-17.html> Último acesso em: 01/06/2013.

¹⁴³O livro do jornalista Horácio Verbitsky, lançado em 2005, tem como proposta investigar a cumplicidade da Igreja Católica argentina com os militares durante o regime militar.

¹⁴⁴Idem

¹⁴⁵Jalics faz menção a Yorio, já falecido.

¹⁴⁶*Jesuíta sequestrado em ditadura está em paz com novo papa*. Revista Exame. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/jesuita-sequestrado-durante-ditadura-argentina-se-diz-em-paz-com-o-papa/> Último acesso em: 01/06/2018.

em retratar a imagem de Bergoglio diante das acusações, mas sim de passar uma borracha no passado comum de ambos.

O Vaticano negou as acusações ao Papa e as definiu como manifestações “difamatórias”. Segundo notícia o jornal português *Público*, Federico Lombardi, porta-voz do Vaticano, diz que as acusações feitas a Jorge Bergoglio não passam de movimentos da esquerda anticlerical com objetivo de atacar a Igreja. Lombardi, ainda em defesa de Bergoglio, afirma que o pontífice contribuiu, segundo supostas testemunhas, na defesa de muitas vítimas durante o regime militar. O pedido de desculpas por parte do Jesuíta ao tornar-se bispo também foi lembrado pelo porta-voz:

Aos jornalistas o porta-voz do Vaticano, Federico Lombardi, defendeu que as recentes acusações feitas ao Papa fazem parte de uma campanha montada a partir de “elementos da esquerda anticlerical para atacar a Igreja” e “devem ser rejeitadas”. “Nunca existiram acusações creíveis contra si. Ele foi interrogado uma vez pela Justiça argentina enquanto uma pessoa informada sobre os factos, mas nunca foi acusado de nada”, reforçou Federico Lombardi, insistindo que as acusações devem ser “clarificadas e firmemente negadas”.

O responsável do Vaticano sublinhou que o agora Papa “documentou as suas negações sobre as acusações que lhe foram feitas”. “Há ainda muitos testemunhos que mostram como Bergoglio tentou proteger muitas pessoas durante a ditadura militar. O seu papel foi muito claro”, continuou. Ainda de acordo com Lombardi, quando Bergoglio se tornou bispo promoveu “pedidos de perdão da Igreja na Argentina por não ter feito o suficiente” para ajudar os que foram vítimas do regime.¹⁴⁷

Outra figura que entrou em defesa de Bergoglio e tornou-se manchete de noticiários tanto argentinos quanto brasileiros, foi o premiado ao Nobel da paz, em 1980, Adolfo Pérez Esquivel, o qual foi vítima do regime militar e mantém acentuada reputação entre simpatizantes progressistas na América Latina. Esquivel menciona as tentativas de bispos engajados no compromisso de granjear libertação a prisioneiros e sacerdotes junto aos militares, porém com resultados insatisfatórios. O primeiro Nobel da paz argentino

¹⁴⁷Vaticano nega acusações “difamatórias” que ligam Papa à ditadura na Argentina. *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2013/03/15/mundo/noticia/vaticano-nega-acusacoes-difamatorias-que-ligam-papa-a-ditadura-na-argentina-1587930>. Último acesso em 01/06/2018.

transfere a responsabilidade da ineficácia da liberação destes sujeitos à desunião da Conferência Episcopal argentina:

"A Bergoglio se le cuestiona porque se dice que no hizo lo necesario para sacar de la prisión a dos sacerdotes, siendo él el superior de la congregación de los jesuitas, pero yo sé personalmente que muchos obispos pedían a la junta militar la liberación de prisioneros y sacerdotes, y no se les concedía. Les decían que sí y luego no se las daban"

(...)

"Si la Conferencia Episcopal se hubiera unido y hubies entendido una sola voz, hubierantenido una gran fuerza para salvar vidas, pero eso no pasó en Argentina".

Em 2015, o serviço de streaming Netflix lançou o seriado biográfico de origem italiana *Llamame Francisco*, produzido por Pietro Valsecchi e dirigido por Daniele Luchetti, o qual narra a história de Jorge Mário Bergoglio, de sua juventude ao papado em 2013. A trama aborda o período da ditadura militar de Videla e representa Bergoglio articulando defesa e abrigos a perseguidos pelo regime militar. A imagem de Bergoglio (interpretado por Rodrigo de la Serna) como o sacerdote do povo, sereno, comprometido com a justiça social surge oportunamente em meio a debates que a insere em questionamentos. Entretanto, a série, que certamente contou com o aval do Vaticano, surge como discurso simbólico de afirmação e reparação da imagem de Francisco. Outras obras biográficas sobre a vida de Bergoglio foram publicadas como *A vida de Francisco: o papa do povo*, editora Objetiva, de Evangelina Himitian (2013).

Não encontramos evidências históricas acerca da possível ligação de Bergoglio com o aparato repressivo do Estado argentino durante o regime militar, tampouco registros que reforcem seu engajamento com membros da Igreja Católica perseguidos pelo regime militar. Considerando o contexto geral à época e o posto ocupado pelo sacerdote e as acusações de omissão de proteção a vítimas da opressão, a ideia de que Bergoglio tenha se mantido neutro e cumpridor de suas responsabilidades oficiais na dinâmica hierárquica da ordem dos Jesuítas nos parece ser o melhor caminho para iniciar a discussão acerca de sua postura durante *o processo*. Opor-se ao regime militar naquele momento certamente atalharia a política externa da Igreja Católica de tal forma que acentuaria a divisão latente no interior do Episcopado. Por outro lado, ao expressar publicamente simpatia à política criminosa do Estado, Bergoglio feriria os princípios

defendidos pelos sacerdotes engajados no trabalho de base, dentre os quais também agrupavam-se membros da ordem jesuítica.

As discussões geradas acerca da posição política de Bergoglio durante a ditadura militar, enquanto chefe da ordem dos jesuítas, em Buenos Aires, sintetiza o teor dos conflitos gerados no seio da Igreja Católica efervescente na segunda metade do século XX. Acusações e defesas, omissão à assistência, ou contribuição, *grosso modo*, calcado na ideia de “o que a mão esquerda faz a direita não precisa conhecer”, manifesta a complexidade da estrutura hierárquica e política incorporada no episcopado argentino.

O debate acerca da ligação entre Igreja e Estado, acentuado em 2013 com a nomeação de Bergoglio ao papado, expressa a relevância dos estudos dedicados à investigação histórica desta aliança que gerou intensos conflitos nas bases sócio-políticas argentinas. Os discursos de enfrentamento gerados por personalidades que se posicionam em oposição ou em defesa de Francisco torna evidente problemas ainda não resolvidos pelo imaginário coletivo acerca da memória da ditadura militar que a História tem o compromisso de estabelecer sincronia aos evidentes questionamentos que repercutem como permanências de um complexo processo. Para isso, apontamos a pertinência da abertura dos arquivos da Igreja Católica argentina para consulta pública dos documentos que compreendem *el proceso*.

3. Conclusões

Esta pesquisa consistiu em investigar brevemente a articulação política entre Estado argentino e Igreja Católica durante o regime militar de 1976-83, atentando-se às manifestações públicas de sacerdotes pertencentes à cúpula hierárquica do episcopado argentino em resposta às famílias de presos e desaparecidos que, ao recorrerem a determinados prelados, buscavam explicações palpáveis acerca das violações impostas a seus parentes.

Com este objetivo inicial fomos a acervos *on-line*, assim como a arquivos institucionais a fim de levantar registros históricos que viabilizassem a análise histórica deste período específico. Neste processo nos deparamos com uma Igreja heterogênea, dividida e conflituosa. As fontes alteraram o percurso inicialmente planejado. Uma Igreja também contestadora, militante, compromissada com o trabalho de base em serviço de comunidades carentes, opositora ao regime militar se apresentou como nova problemática e possibilidade de abordagem. Recorremos, portanto, à bibliografia para compreender, minimamente, a dinâmica interna de um episcopado um tanto quanto problemático.

Constatou-se mediante a bibliografia que a partir da década de 1930 integrantes da hierarquia católica passaram a envolver-se na política nacional argentina motivados a implementar nas bases nacionais valores morais cristãos e conservadores. Para isso, era necessário manter alianças consolidadas com governos comprometidos com propósitos semelhantes. A complexa dinâmica eleitoral argentina, no entanto, trouxe problemas para a cúpula católica que, no caso dos períodos do governo de Juan Domingo Perón, e em especial de seu “justicialismo”, dificultaram a consolidação de suas deliberações.

Já na segunda metade da década de 1970, quarenta anos após o encerramento do Concílio Vaticano II, a cúpula conservadora católica vislumbrou nas Forças Armadas, na figura do católico Jorge Rafael Videla, a possibilidade real de estabelecer o projeto católico nacional. Todavia, a esta altura, a Igreja se encontrava no ápice de sua divisão interna, uma vez que a ala progressista do episcopado argentino se via resguardada pelas conclusões deflagradas pelo último concílio católico, que defendia um trabalho assistencialista compromissado com a causa dos mais pobres – oportunidade que os conservadores julgavam apropriada para a incorporação “subversiva” do comunismo.

A Igreja contestadora, motivada pela Teologia da Libertação, sendo grande parte de seus sacerdotes integrantes do Movimento dos Sacerdotes para o Terceiro Mundo, sofreu perseguições, atentados, sequestros e assassinatos. Ato de violência que não foram reprimidos pelos religiosos responsáveis pela hierarquia nacional católica, os quais os consideravam como uma organização “paralela” à Igreja argentina.

A Igreja Conservadora, com base nas fontes levantadas para esta investigação, pouco se pronunciou publicamente acerca dos casos de desaparecimento, tortura e assassinatos durante o último regime militar. Ao ser procurada por familiares de vítimas do Estado, por meio do *Vicariato Castrense*, foi seletiva em prestar assistência. Seu discurso esteve pautado pela negação em se envolver nos assuntos que, segundo sua avaliação, diziam respeito apenas ao Exército.

Na década de 1980, durante as discussões acerca da abertura à democracia, os militares emitiram um documento justificando suas ações e defendendo a autoanistia. A Igreja Conservadora, comprometida em sua aliança, embora em menor rigor, com as Forças Armadas, colocou-se em defesa do documento, em contrapartida sacerdotes da Igreja “paralela” se manifestaram, com apoio de organizações de defesa dos direitos humanos do Brasil, contrários ao texto, reivindicando o arrependimento e a confissão dos pecados por parte dos envolvidos no crimes praticados pelo aparelho de estado.

A postura controversa adotada por membros filiados ao Episcopado argentino entre os anos 1976-83, revela divisões e conflitos internos potencializados pela conjuntura política complexa do período, a qual impunha desafios às correntes conflitantes do catolicismo argentino. Tais conflitos representaram naquele conturbado contexto as diversas faces de uma instituição milenar que, à luz de seus dogmas, acreditou no pressuposto de que o cristianismo era uma ferramenta eficaz para se fazer política. O conservadorismo complacente com o regime militar até os últimos suspiros, divergente do posicionamento adotado pelo episcopado brasileiro, sinaliza resquícios históricos de um projeto cegamente defendido, bem como resistente aos novos horizontes defendidos pela Igreja latino-americana pós-conferência de Medellín de 1968. O Estado argentino não sinalizou aliança com a Igreja apenas por devoção à religião, e sim por justificção ideológica diante de uma sociedade reconhecidamente devota. O regime sabia da força da oratória católica, de tal forma que reconhecia este poder enquanto potencial ferramenta para a concretização do plano de Reorganização Social.

Como já frisamos anteriormente, ainda há muito a se pesquisar sobre o assunto e a abertura dos arquivos públicos da Igreja Católica certamente permitirá trabalhos historiográficos de maior envergadura. Recentemente, os veículos de comunicação noticiaram a proposta do Papa em abrir os arquivos do Vaticano, até 2020, que disponibilizará documentos referentes ao pontificado de Pio XII, além, é verdade, da promessa de tornar público o acesso dos documentos produzidos durante a ditadura militar. Estes são movimentos que se concretizados tornará possíveis novos estudos e problematizações no tocante às complexidades do catolicismo mundial e também, no caso argentino, particular. Contudo, os debates que giram em torno de Jorge Bergoglio não se restringem à política de acesso dos arquivos do Vaticano, mas também ao cenário político argentino. Recentemente o pontífice manifestou sua posição sobre os debates que se estendem no tocante à descriminalização do aborto na Argentina. Segundo o jornal Folha de São Paulo¹⁴⁸, Francisco se engajou no combate ao projeto e associou a ambrose com a política de extermínio nazista. Tal postura motivou a Igreja argentina a endurecer sua crítica ao movimento pró-aborto. Para além destas prerrogativas, Francisco não mantém relação saudável com Mauricio Macri, atual presidente e candidato à reeleição. Dito de outro modo, Bergoglio, em nossa avaliação, assume uma postura controversa no que se refere às bandeiras sociais que defende ou deixa de fazê-lo. Não obstante, é pertinente que se ergam investigações que se aprofundem nas particularidades que deem conta da carreira política articulada com o engajamento religioso do atual pontífice, a fim de que se compreenda historicamente a opção do Vaticano por essa figura por vezes carismática, bem como as permanências que o mantém alinhado às demandas sociais de seu país natal.

O desenvolvimento desta pesquisa sinaliza terrenos férteis para novos estudos voltados à história política e também social. As possíveis intervenções do Estado no sistema educacional é um campo que abre possibilidades de abordagens para se compreender com maior rigor os desdobramentos desta aliança político-ideológica fortemente engajada no propósito de “reorganizar” as estruturas sociais, políticas e culturais argentinas.

¹⁴⁸ “Em atrito com Macri, papa Francisco se engaja em debate sobre aborto”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/em-atrito-com-macri-papa-francisco-se-engaja-em-debate-sobre-aborto.shtml>> Último acesso em: 01/06/2018.

Outra possibilidade de investigação que se coloca diante do historiador ao lidar com as fontes históricas disponíveis se volta ao papel fundamental da imprensa durante o regime militar. Este veículo de comunicação se mostrou bastante ativo na veiculação de manifestações públicas dos sacerdotes – quando se manifestaram - no acompanhamento do desenrolar do golpe de Estado, nas sinalizações dos movimentos sociais articulados com a corrente progressista do catolicismo e, mais recentemente, no debate que se travou acerca do posicionamento político de Jorge Mário Bergoglio durante seu mandato como chefe da Ordem Jesuítica argentina.

No início deste trabalho mencionamos quatro pontos fundamentais que pretendíamos explorar ao longo desta monografia e que devem compor o quadro de possibilidades de investigação. Apresentamos no decorrer da argumentação o pouco do debate que se desenvolveu em torno dos conflitos internos da Igreja Católica e de seus fundamentos políticos com o Estado. Explorar o debate historiográfico que se ocupa desta temática reforça a emergência da compreensão da capacidade de influência política desta instituição mesmo em estados nacionais liberais. No estado Argentino a primeira metade do século XX foi fulcral, especificamente a partir da década de 1930, à compreensão dos interesses da Igreja na política nacional. Portanto, julgamos fundamental a retomada da literatura que se construiu a fim de se localizar os impulsos nacionais e as interferências transnacionais que envolvem a política entre religião e estado. Estendendo a abordagem ao caso brasileiro este nicho de pesquisa é mais que necessário diante de um governo que se relaciona abertamente com camadas religiosas voltadas ao protestantismo. A análise dessas novas relações requer do pesquisador diálogo com outras áreas do conhecimento como a Sociologia e também com a Antropologia.

A ditadura militar argentina teve duração de sete anos e foi comandada por cinco presidentes diferentes. Traçar as rupturas e continuidades dos governos que sucederam entre os anos 1976 e 1983, bem como as relações que ocuparam o Estado em relação à Igreja Católica, é fundamental para problematizar as vicissitudes que envolveram este complexo cenário político-social. Identificamos ao longo deste trabalho, por meio da bibliografia estudada, momentos nos quais religiosos entusiastas da Teologia da Libertação, analisando a conjuntura política nacional, buscaram estrategicamente recuar e em outros momentos avançar no que dizia respeito ao conflito no cenário público. Investigar os contrapontos possivelmente presentes nos cinco governos que se ocuparam do regime militar pode, portanto, abrir novos campos de análise a respeito dos avanços e

recuos também da alta hierarquia do episcopado argentino no que se refere às suas intervenções na política estatal.

Os conflitos presentes no interior do catolicismo argentino abrem precedentes a estudos focalizados no debates centralizados na ação do Episcopado. Mais do que analisar a Igreja e sua política ideológica diante do Estado argentino, é possível, nesta conjuntura, pautar historicamente os graus de dissociabilidade entre as correntes em meio ao cenário político conturbado durante o regime militar. As ciências sociais, em especial a Sociologia, oferecem ferramentas preciosas para o pesquisador se munir rumo à empreitada de desbravar os pormenores das estratégias políticas adotadas por ambas as correntes no tocante às aproximações seja com o Estado ou com Movimentos Sociais. É pertinente analisar os repertórios¹⁴⁹ políticos adotados por estes agentes.

Outro campo profícuo à investigação se desdobra nas possíveis relações entre católicos e nazistas que desembarcaram na Argentina a partir da década de 1950. Em outubro de 2017, a revista *Legado*, do *Archivo General de la Nación de la República Argentina*, publicou uma edição cujo tema esteve centralizado no movimento nazista argentino. Dentre os conflitos abordados, a revista aborda casos específicos de religiosos que compraram discursos antissemitas. Este é um terreno fértil que complementa a compreensão dos desdobramentos complexos do interior da Igreja Católica.

Ao longo de nossa investigação nos empenhamos, dentro de nossos limites, em encontrar variadas espécies documentais que pudessem representar este período encastado de pormenores significativos à pesquisa. No entanto, nos debruçamos com maior cuidado nas publicações divulgadas na imprensa que assegurassem a forma como os conflitos eram expostos à sociedade de tempo, e também a maneira pela qual a Igreja Católica se utilizava deste meio para expor seus ideais, seja ela representada pelo Episcopado, seja por contestadores terceiromundistas. Correspondências também nos foram úteis para a crítica sistemática das relações que se estabeleceram em meio aos conflitos sociais. No entanto, não descartamos a possibilidade real da cinematografia ocupar lugar de destaque como fonte que retrate a forma como este período foi representado por diferentes abordagens ideológicas. A série produzida pelo serviço de *streaming* Netflix, *Llamame Francisco*, é exemplo claro de material suscetível a análise.

¹⁴⁹ A contribuição de Charles Tilly com vasta publicação pode ser útil às abordagens voltadas às análises de repertório político adotado por figuras centrais do catolicismo argentino, conservador ou progressista.

Os estudos concentrados nos desdobramentos políticos, sociais, econômicos e culturais das ditaduras militares que afetaram o Cone Sul na segunda metade do século passado se fazem urgentemente necessários diante do avanço das políticas extremistas que tem se expandido na América do Sul no tempo presente. Como já frisamos anteriormente, ainda há muito a se pesquisar sobre o assunto e o acesso à documentação eclesiástica certamente permitirá trabalhos historiográficos de maior envergadura.

Esta pesquisa foi, a cunho pessoal, um divisor de águas no que tange aos resultados proporcionados a seu autor. A forma como tivemos que lidar com a construção do conhecimento histórico, os desafios inerentes à procura de registros históricos, levantamento, organização e leitura crítica bibliográfica, se mostraram excessivamente singular se comparada à dinâmica empreendida em sala de aula. Abordar um tema amplo, todavia fechado, nos convidou a submergir num oceano desafiador cada vez mais escuro. Todavia, com uma excelente orientação e munidos de suportes adequados, pudemos vislumbrar, limitadamente, o universo científico específico ao campo historiográfico dedicado à reflexão dos estudos das Américas, em especial o caso argentino contemporâneo.

4. Fontes, sites e acervos

- Acusações de conivência com o regime militar contra Jorge Mario Bergoglio (BBC):

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/03/130314_ditadura_papa_ru

- Acusações de conivência com o regime militar contra Jorge Mario Bergoglio (El país):

http://internacional.elpais.com/internacional/2013/03/14/actualidad/1363224768_851250.html

- Asociación Madre de las Plazas de Mayo : <http://www.madres.org>

- Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio : www.hijos.org.ar

-INFORME DE LA COMISIÓN NACIONAL SOBRE PRISIÓN POLITICA Y TORTURA. Disponível em:

<www.nuncamas.org/investig/articulo/nuncamas/nmas0001.htm>.

-MINISTERIO DEL INTERIOR/SUBSECRETARIA DEL INTERIOR/PROGRAMA DE DERECHOS HUMANOS. Comisión nacional de prisión política y tortura.

-SOCIEDAD ARGENTINA DE DEFESA DE LA TRADICION, FAMILIA Y PROPIEDAD. Reseña de actividades de la TFP desde su fundación. Sociedad Argentina de Defensa de la Tradición, Familia y Propiedad. 07 de octubre de 1978. p. I.

Novo papa, cardeal argentino combateu FMI e é acusado de ajudar ditador. Folha de São Paulo, 13/03/2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/1245714-novo-papa-cardeal-argentino-combateu-fmi-e-e-acusado-de-ajudar-ditador.shtml>.

Último acesso em: 01/06/2018.

Pope Francis: questions remain over his role during Argentina's dictatorship. The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2013/mar/14/pope-francis-argentina-military-junta>. Último acesso em 01/06/2018.

Pope Francis and Argentina's 'disappeared'. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/magazine-22064929>. Último acesso em: 01/06/2018.

Em Argentine, “Bergoglio n’a jamais émis aucune critique contre la dictature”. Disponível em: https://www.lemonde.fr/europe/article/2013/03/15/le-pape-francois-a-une-conception-traditionnelle-du-pauvre_1848793_3214.html. Último acesso em: 01/06/2018

Verbitsky, le principal accusateur du pape François travaillait en fait pour la dictature. Disponível em: <https://www.la-croix.com/Religion/Actualite/Verbitsky-le-principal-accusateur-du-pape-Francois-travaillait-en-fait-pour-la-dictature-2015-05-19-1313779>. Último acesso em: 01/06/2018.

-“La lista Bergoglio” revela como el Papa salvó a perseguidos por la dictadura. Disponível em: https://www.clarin.com/politica/lista-bergoglio-papa-perseguidos-dictadura_0_SJjZpDVswQe.html. Último acesso em: 01/06/2018.

- La única entrevista que dio Bergoglio sobre la dictadura. Disponível em: https://www.clarin.com/mundo/unica-entrevista-dio-Bergoglio-dictadura_0_SyKWKf9sP7e.html. Último acesso em: 01/06/2018.

- Carloto, sobre el Papa y la dictadura: “Me informaron mal”. Disponível em: https://www.clarin.com/mundo/unica-entrevista-dio-Bergoglio-dictadura_0_SyKWKf9sP7e.html. Último acesso em 01/06/2018.

-De vincular a Bergoglio com la dictadura a reivindicarlo como Papa: el giro de Hebe. Disponível em: https://www.clarin.com/politica/bergoglio-dictadura-reivindicarlo-papa-hebe_0_VJl1yaZMb.html. Último acesso em: 01/06/2018.

- El Jesuita Jalics: “El padre Bergoglio no nos denunció”. Disponível em: https://www.clarin.com/mundo/jesuita-Jalics-padre-Bergoglio-denuncio_0_HyQekx5sw7g.html. Último acesso em: 01/06/2018.

CARTAS

Carta abierta de Hebe Bonafini al Papa Francisco. 2013.

Disponível em: <http://madres.org/index.php/carta-abierta-hebe-al-papa-francisco/>

Carta del Episcopado Argentino a sus sacerdotes con ocasión de la Asamblea Plenaria Extradordinaria sobre la labor posconciliar. Buenos Aires: 13 de maio de 1965.

Disponível em: http://www.episcopado.org/portal/2000-2009/cat_view/150-magisterio-argentina/25-1960-1969.html

Declaración de la comisión permanente de la Conferencia Episcopal Argentina sobre ciertas publicaciones de algunos sacerdotes. Buenos Aires: 21 de janeiro de 1966.

Disponível em: http://www.episcopado.org/portal/2000-2009/cat_view/150-magisterio-argentina/25-1960-1969.html

Declaración pastoral del Episcopado Argentino. Embalse (Córdoba): 08 de junho de 1967.

Disponível em: http://www.episcopado.org/portal/2000-2009/cat_view/150-magisterio-argentina/25-1960-1969.html

Documento de San Miguel: declaración del Episcopado Argentino sobre la adaptación a la realidad actual del país, de las conclusiones de la II Conferencia General del Episcopado Latinoamericano (Medellín). S.d.

Disponível em: http://www.episcopado.org/portal/2000-2009/cat_view/150-magisterio-argentina/25-1960-1969.html

Exhortación de la Conferencia Episcopal Argentina sobre el año de la fe. S.d.

Disponível em: http://www.episcopado.org/portal/2000-2009/cat_view/150-magisterio-argentina/25-1960-1969.html

Exhortación pastoral de la Conferencia Episcopal Argentina, sobre reuniones de sacerdotes solamente. San Miguel, 28 de novembro de 1969.

Disponível em: http://www.episcopado.org/portal/2000-2009/cat_view/150-magisterio-argentina/25-1960-1969.html

Exhortación pastoral del Episcopado Argentino motivada por el XXXIX Congreso Eucarístico Internacional de Bogotá. S.d.

Disponível em: http://www.episcopado.org/portal/2000-2009/cat_view/150-magisterio-argentina/25-1960-1969.html

Mensaje de la comisión episcopal de educación a los colegios católicos. Fevereiro de 1968.

Disponível em: http://www.episcopado.org/portal/2000-2009/cat_view/150-magisterio-argentina/25-1960-1969.html

Mensaje e invitación de la Comisión Episcopal de Vocaciones. Buenos Aires: 14 de dezembro de 1968.

Disponível em: http://www.episcopado.org/portal/2000-2009/cat_view/150-magisterio-argentina/25-1960-1969.html

Pastoral colectiva del Episcopado Argentino sobre el nuevo ordenamiento de disciplina penitencial. Buenos Aires: 06 de dezembro de 1966.

Disponível em: http://www.episcopado.org/portal/2000-2009/cat_view/150-magisterio-argentina/25-1960-1969.html

Proclamación de fe de la Conferencia Episcopal Argentina en celebración del XIX Centenario del martirio de los santos apóstoles Pedro y Pablo. S.d.

Disponível em: http://www.episcopado.org/portal/2000-2009/cat_view/150-magisterio-argentina/25-1960-1969.html

DOCUMENTOS

Documentos do Concílio Vaticano II

Constituições:

Dei Verbum – Roma, 18 de novembro de 1965.

Diários Monsenhor Victório Bonamín (1975, 1976 e 1978) – *Archivo Nacional de La Memoria – Proyecto Bonamín*. – ESMA.

Gaudim et Spes – Roma, 07 de dezembro de 1965.

Lumem Gentium – Roma, 21 de novembro de 1964.

Lista de Clérigos denunciados – Profeta del Genocidio – www.profetadelgenocidio.com.ar

Títulos/temas de conferencias y alocuciones de Victorio Bonamín a oficiales, suboficiales, soldados, cadetes o familiares durante 1975-1976. – Profeta del Genocidio – www.profetadelgenocidio.com.ar

LISTA DE CAPELLANES MILITARES (1975-1983) – Profeta del Genocidio – www.profetadelgenocidio.com.ar

Nuevo Obispo Castrense – Profeta del Genocidio – www.profetadelgenocidio.com.ar

Sacrosanctum Concilium – Roma, 04 de dezembro de 1963.

Declarações:

Dignitatis Humanae – 07 de dezembro de 1965.

Gravissimum Educationis – Roma, 28 de outubro de 1965.

Nostra aetate – Roma, 28 de outubro de 1965.

Decretos:

Ad Gentes – Roma, 07 de dezembro de 1965.

Apostolicam Actuositatem – Vaticano, 18 de novembro de 1965.

Christus Dominus – Vaticano, 28 de Outubro de 1965.

Inter Mirifica – Vaticano 04 de novembro de 1966.

Optatam Totius – Vaticano, 28 de outubro de 1965.

Orientalium Ecclesiarum – Roma, 21 de novembro de 1964.

Perfectae Caritatis – Vaticano, 28 de outubro de 1965.

Presbyterorum Ordinis – Vaticano, 07 de dezembro de 1965.

Unitatis Redintegratio – Vaticano, 21 de novembro de 1964.

Disponíveis

em:

http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm>

MATERIAL DE IMPRENSA

Bergoglio fue implicado em la detención de dos sacerdotes por la dictadura. Espanha: Jornal El diário, 13 de março de 2013.

Disponível em: http://www.eldiario.es/internacional/Bergoglio-denunciado-colaborador-dictadura-argentina_0_110589755.html

Bergoglio, um Papa a la sombra de la dictadura argentina. Espanha: Jornal Publico, 14 de março de 2013.

Disponível em: <http://www.publico.es/internacional/bergoglio-papa-sombra-dictadura-argentina.html>

“En la Iglesia, hubo cómplices de la dictadura y otros que lucharon”. Argentina: El diário de la región, 28 de outubro de 2016.

Disponível em: <http://eldiariodelaregion.com.ar/articulo/en-la-iglesia-hubo-complices-de-la-dictadura-y-otros-que-lucharon>

Entenda acusações contra atuação do papa na ditadura argentina. Brasil: Jornal eletrônico BBC – Brasil, 14 de março 2013.

Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/03/130314_ditadura_papa_ru

La Iglesia desclasifica unas 3000 cartas de la dictadura militar. Argentina: Jornal La Nación, 25 de outubro de 2016.

Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/1950263-la-iglesia-desclasifica-unas-3000-cartas-de-la-dictadura-militar>

La sombra de la dictadura argentina alcanza al papa Francisco. Argentina: Jornal El Pais – Argentina, 14 de março de 2016.

Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2013/03/14/actualidad/1363224768_851250.html

Respostas às calúnias. Brasil: Jornal Carta Capital, 27 de junho 2013.

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/759/resposta-as-calunias-5266.html>

Tribunal de Argentina: La Iglesia fue cómplice de crímenes de la dictadura. Argentina: Site RT Sepa Más, 15 de fevereiro de 2013.

Disponível em: <https://actualidad.rt.com/sociedad/view/86636-argentina-iglesia-dictadura-tribunal>

Vaticano diz que vincular o Papa Francisco à ditadura é calúnia. Brasil: Jornal G1, 15 de março 2013.

Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/vaticano-diz-que-vincular-o-papa-francisco-a-ditadura-e-calunia.html>

RELATOS

Secuestro de familiares en la Iglesia de Santa Cruz ___ In: Informe de la Comisión Nacional Sobre la Desaparición de Personas. Editora: Eudeba, S.d.

Disponível em: <http://www.desaparecidos.org/arg/conadep/nuncamas/>

Sobre actitudes de algunos miembros de la Iglesia ___ In: Informe de la Comisión Nacional Sobre la Desaparición de Personas. Editora: Eudeba, S.d.

Disponível em: <http://www.desaparecidos.org/arg/conadep/nuncamas/>

ÁUDIO-VISUAL

Entrevista Antonio Puigjané – *Memoria Abierta* – *Archivo Audiovisual*. ESMA

Padres Nuestros: La Iglesia que desobedeció al poder. Argentina: H.I.J.O.S, 2003.

Disponível em: http://www.hijos.org.ar/index.php?option=com_content&task=view&id=39&Itemid=46/

Sacerdote católico Christian Von Wernich condenado a cadena perpetua en 2007. La Plata: 09 de outubro de 2007.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZZGeffJ5_08

5. BIBLIOGRAFIA

AGEITOS, Stella Maris. La historia de la impunidad – Argentina (1976/1989): desde las actas del proceso a los indultos de Menem...KO‘AGA ROÑETA se.x

AMERICAS WATCH. *Verdad y justicia en la Argentina: actualización*. Nova York: Americas Watch/CELS, 1991.

BAZÁN, Víctor. *El —habeas data‡ y el ejercicio del derecho de auto determinación informativa dirigido a acceder a archivos, registros o bancos de datos estatales de seguridad y a requerir información sobre personas desaparecidas*. Revista Argentina de Derechos Humanos, Buenos Aires, n. 0, p. 175-205, jun/2001.

BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

BIANCHI, Susana.(1994) Catolicismo y peronismo: la religión como campo de conflicto (Argentina, 1945-1955).

BILBAO, Lucas; MENDONÇA, Ariel Lede. *Profeta del genocidio*. 1ª ed. – Buenos Aires, Sudamericana, 2016.

BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

CALVEIRO, Pilar. *Poder e desaparecimento: os campos de concentração na Argentina*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2013.

CAPELATO, Maria Helena. R. “*Memória da Ditadura Militar Argentina: um desafio para a História*”. *CLIO*. Série História do Nordeste (UFPE), v. 1, p. 61-81, 2006.

CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no Vargasismo e no Peronismo*. São Paulo: Fapesp/Papirus, 1998.

CATOGGIO, María Soledad (2010) Contestatarios, Mártires y Herederos. *Sociabilidades político-religiosas y ascesis altruista del catolicismo argentino en la dictadura y en la pos dictadura*. Tesis doctoral, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires (UBA), Buenos Aires.

CATOGGIO, María Soledad y Mallimaci, Fortunato 2008 “*El catolicismo argentino en la dictadura y la pos dictadura. Redes y disputas*” en Puentes (La Plata), Año 8, N° 23: 76-82.

CATOGGIO, Maria Soledad. *Los desaparecidos de la Iglesia: el clero contestatario frente a la dictadura*. – 1ª ed. – Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.

COUTROT, Aline. *Religião e Política*. In __REMOND, René. *Por uma História Política*; tradução de Dora Rocha. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

- DELLASOPA, Emilio. *Ao inimigo, nem justiça: violência política na Argentina – 1943-1983*. São Paulo: Departamento de Ciência Política da USP/Hucitec, 1998.
- DE LUCA, T. R. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.
- DI STEFANO, Roberto & ZANATA, Loris. *La historia de la iglesia argentina: Desde la conquista hasta finales del siglo XX*. Buenos Aires, Grijalbo Mondadori, 2000.
- DRI, Rubén (1997) *Proceso a la iglesia argentina: las relaciones entre la jerarquía eclesiástica y los gobiernos de Afonsín y Menem*, Buenos Aires, Biblos.
- DUHALDE, Luís. *El Estado Terrorista Argentino. Quince años después, una mirada crítica*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1999.
- ESQUIVEL, Juan Cruz. *Igreja, Estado e política*. São Paulo: Editora Santuario, 2013.
- FAUSTO, Boris & DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: editora 34, 2004.
- FICO, Carlos [et al.] (org.). *Dictadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- GALLO, Marco. *El caso argentino: la acción pacificadora de Juan Pablo II con motivo de la guerra de las Malvinas y su rol para favorecer la vuelta a la democracia* ____ In: *De la dictadura a la democracia : la Iglesia católica en América Latina durante el pontificado de Juan Pablo II, 1978-2000. Mediaciones y transiciones pacíficas / Marco Gallo*. Buenos Aires: Konrad Adenauer Stiftung, 2015.
- GHIO, José María, *La Iglesia católica en la política argentina*, Prometeo, Buenos Aires, 2007.
- JELIN, Elizabeth. “La justicia después del juicio: legados y desafíos em la Argentina postdictatorial”. In FICO, Carlos (et al) *Dictadura e democracia na América Latina. Balanço Histórico e Perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2008, pp.341-360.
- JOFFILY, Mariana. *No centro da engrenagem: os interrogatórios na Operação Bandeirantes e no DOI de São Paulo (1969-1975)*. São Paulo: EDUSP, 2013.
- JUDD, Elizabeth & MALLIMACI, Fortunato. *Cristianismos en América Latina: Tiempo presente, historias y memorias*. Buenos Aires: Clacso, 2013.
- LVOVICH, Daniel & BISQUERT, Jaquelina (orgs). *La cambiante memoria de la dictadura. Discursos públicos, movimientos sociales y legitimidad democrática*. Los Polvorines: Univ. Nacional de General Sarmiento / Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2008.
- MALAMUD-GOTI, Jaime. *Terror y justicia em la Argentina – responsabilidad y democracia después de los juicios al terrorismo de estado*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 2000.

MALLIMACI, Fortunato 1992 “El catolicismo argentino desde el liberalismo integral a la hegemonía militar” en AA.VV. 500 años de cristianismo en la Argentina (Buenos Aires: CEHILA / Centro Nueva Tierra).

MÁNTARAS, Mirta. Genocidio en Argentina. Buenos Aires: edición do autor, 2005.

MASON, Alfredo. El Conflicto de la jerarquía de la Iglesia con el Peronismo. S.i., *Diversidad*, V.4, p.82-114, Jun/2012.

MARTÍN, José Pablo 1995 (1992) Movimiento de Sacerdotes para el Tercer Mundo. Un debate argentino (Buenos Aires: Guadalupe).

MIGNONE, Emilio Fermín. Iglesia y dictadura: el papel de la iglesia a la luz de sus relaciones con el régimen militar. Buenos Aires:A.B.R.N, 1986.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Ditaduras militares. Brasil. Argentina, Chile eUruguay. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. – 1ª ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

NEVES, Ozias Paese e LIEBEL, Vinicius “Os Regimes Militares no Brasil e na América do Sul: historiografia e perspectivas” *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, Nº. 18, p. 56-86, jan./jul. 2015. Disponível em <http://revista.anphlac.org.br>

NOVARO, Marcos & PALERMO, Vicente. A ditadura militar argentina 1976- 1983. São Paulo: edUSP, 2007.

NOVARO, Marcos, Historia de la Argentina contemporánea. De Perón a Kirchner, Edhasa, Buenos Aires, 2006.

NOVARO, Marcos & PALERMO, Vicente. *La dictadura militar (1976-83): del golpe de Estado a la restauración democrática*. Buenos Aires: Paidós, 2003.

OBREGÓN, Martín. (2005). Entre la cruz y la espada - La Iglesia católica durante los primeros años del “Proceso”. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes.

OBREGÓN, Martín. La Iglesia argentina durante el “Proceso” (1976-1983). *Prismas, Revista de historia intelectual*, nº9, 2005, pp.259-270.

OBREGÓN, Martín. La Iglesia argentina durante la última dictadura militar: el terror desplegado sobre el campo católico (1976-1983). In __ PÉROTIN-DUMON, Anne (dir). *Historizar el pasado vivo en América Latina*. Disponible em: http://etica.uahurtado.cl/historizarelpasadovivo/es_contenido.php

O'DONNELL, Guillermo. Contrapuntos. Ensayos escogidos sobre autoritarismo y democratización, apus VEZETTI, Hugo. Pasado y presente: Guerra, dictadura y sociedad en la Argentina. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, p 45-6.

PABLO MARTÍN, JOSÉ. La Iglesia católica. En democracia después de la dictadura. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2008.

PADRÓS, Enrique Serra. “Repressão e violência: segurança nacional e terror de Estado nas ditaduras latino-americanas”. In: FICO, Carlos (et al) Ditadura e democracia na América Latina. Balanço Histórico e Perspectivas. Rio de Janeiro: FGV, 2008, pp.143-178.

PÉREZ ESQUIVEL, Leonardo 1992 “Democracia y dictadura: opciones y compromisos de los cristianos” en AA.VV. 500 años de cristianismo en Argentina (Buenos Aires: CEHILA / Centro Nueva Tierra).

PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. *História da América Latina*. – 1. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

QUADRAT, Samantha Viz. Operação Condor: o “Mercosul” do terror. *Estudos Ibero-Americanos*, PUC/RS, v.XXVIII, n.1, 2002.

QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. *Los males de la memoria. Historia y política en la Argentina*. Buenos Aires: Emecé 1995.

QUEIROZ, Alexandre de Oliveira. A Revolução no Paraíso: Ressignificações do conceito de Libertação na Igreja latino-americana (1968-1979). Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2018, 353 F.

ROUQUIÉ, Alain, A la sombra de las dictaduras. La democracia en América Latina, Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires, 2011.

SIRINELLI, Jean - François. *Os intelectuais*. In__ REMOND, René. Por uma História Política; tradução de Dora Rocha. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOUZA, Jessie Jana Vieira de. *Acomodações recíprocas: a Igreja Católica e o poder temporal na Argentina e no Brasil*.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. As várias faces da igreja católica.

TOLENTINO, Marcos Oliveira Amorim. Memória, verdade e justiça: apontamentos para uma história do movimento argentino pelos direitos humanos (1976-2004). Outros Tempos, vol. 11, n.17, 2014 p. 145-165.

VALÉRIO, Mairon Escorsi. *O Continente Pobre e Católico: o Discurso da Teologia da Libertação e a Reinvenção Religiosa na América Latina (1968 – 1992)*. Dissertação de Doutorado apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2012.

VEZZETI, Hugo. “LA ESMA y el Monumento a las Víctimas del Terrorismo de Estado: balance de una década”. In: *Sobre la violencia revolucionaria: memoria y olvidos*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009, pp. 205-215; 231-257.

VEZZETTI, Hugo. Sobre La violencia revolucionaria: memorias y olvidos. Bs As: Siglo veintin uno, 2009.

ZANATTA, Loris. *La larga agonía de la Nación católica* – 1ª ed. – Buenos Aires: Sudamericana, 2015.

6. Anexos

Tabela 1 – Material de Imprensa

JORNAL	ANO	PAÍS	ACESSO
BBC - BRASIL	14/03/2013	BRASIL	http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/03/130314_ditadura_papa_ru
EL PAÍS - BRASIL	25/10/2016	BRASIL	http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/25/internacional/1477397403_091562.html
FOLHA DE SÃO PAULO	01/12/2015	BRASIL	http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/12/1713701-separados-por-ditadura-argentina-mae-e-filho-se-reveem-apos-38-anos.shtm
CLARÍN	07/09/2013	ARGENTINA	https://www.clarin.com/politica/lista-bergoglio-papa-perseguidos-ditadura_0_SjZpDVswQe.html
CLARÍN	15/03/2013	ARGENTINA	https://www.clarin.com/mundo/unica-entrevista-dio-Bergoglio-ditadura_0_SyKWKf9sP7e.html

CLARÍN	07/11/2014	ARGENTINA	https://www.clarin.com/politica/estela_carlotto-papa-francisco-dictadura-me_informaron_mal_0_HydxSQO9PQg.html
CLARÍN	15/05/2016	ARGENTINA	https://www.clarin.com/politica/bergoglio-dictadura-reivindicarlo-papa-hebe_0_VJl1yaZMb.html
CLARÍN	20/03/2016	ARGENTINA	https://www.clarin.com/mundo/jesuita-Jalics-padre-Bergoglio-denuncio_0_HyQekx5sw7g.html
CLARÍN	10/02/2017	ARGENTINA	https://www.clarin.com/opinion/america-latina-papa-trump_0_rk1ez1NOg.html !
THE GUARDIAN	29/04/2015	ESTADOS UNIDOS	https://www.theguardian.com/world/2015/apr/29/pope-francis-argentina-orders-vatican-open-files-dictatorship
BBC – EUA	11/04/2013	ESTADOS UNIDOS	http://www.bbc.com/news/magazine-22064929

LE MONDE	15/03/2013	FRANÇA	http://www.lemonde.fr/europe/article/2013/03/15/le-pape-francois-a-une-conception-traditionnelle-du-pauvre_1848793_3214.html
LA-CROIX	19/05/2015	FRANÇA	http://www.la-croix.com/Religion/Actualite/Verbitsky-le-principal-accusateur-du-pape-Francois-travaillait-en-fait-pour-la-dictature-2015-05-19-1313779

Tabela 2 – Recortes Jornais – Centro de Documentação e Inforação Científica (CEDIC) – PUC/SP

RECORTES DE JORNAIS – CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA – PUC/SP			
COMISSÃO COORDENADORA/INTERCÂMBIO DE INFORMAÇÕES E PUBLICAÇÕES			
CAIXA	JORNAL	DATA	PAÍS
11	LA OPINIÓN	1979	ARGENTINA
11	CLARÍN	25/05/1979	ARGENTINA
11	CLARÍN	18/10/1981	ARGENTINA
11	CLARÍN	16/12/1979	ARGENTINA
11	CLARÍN	29/06/1980	ARGENTINA
11	CLARÍN	21/07/1980	ARGENTINA
11	CLARÍN	20/12/1979	ARGENTINA
11	CLARÍN	17/04/1984	ARGENTINA
11	CLARÍN	17/04/1984	ARGENTINA
11	NÃO IDENTIFICADO	NÃO IDENTIFICADO	NÃO IDENTIFICADO
11	REVISTA	06/1983	ARGENTINA

	PAROQUIAL DE LA IGLESIA EVANGELIA DE LA PLATA		
11	NÃO IDENTIFICADO	1982	NÃO IDENTIFICADO
11	LA VOZ	19/10/1982	ARGENTINA
11	CLARÍN	26/06/1980	ARGENTINA
11	NÃO IDENTIFICADO	NÃO IDENTIFICADO	NÃO IDENTIFICADO
11	NÃO IDENTIFICADO	01/10/1982	NÃO IDENTIFICADO
11	EL DÍA	01/11/1979	ARGENTINA
11	CLARÍN	22/05/1980	ARGENTINA
11	CLARÍN	15/06/1980	ARGENTINA
11	CLARÍN	26/06/1980	ARGENTINA
11	CLARÍN	12/11/1982	ARGENTINA
11	CLARÍN	08/12/NÃO IDENTIFICADO	ARGENTINA
11	LA NACIÓN	08/12/1978	ARGENTINA
11	LA PRENSA	05/08/1978	ARGENTINA
11	LA PRENSA	10/04/1980	ARGENTINA
11	LA PRENSA	04/01/1982	ARGENTINA
11	NÃO IDENTIFICADO	16/10/1981	ARGENTINA
11	LA PRENSA	19/11/1981	ARGENTINA
11	NÃO IDENTIFICADO	25/10/1978	ARGENTINA
11	CLARÍN	12/01/1979	ARGENTINA
11	CLARÍN	14/11/1979	ARGENTINA
11	CLARÍN	20/12/1979	ARGENTINA
11	NÃO IDENTIFICADO	27/12/1980	ARGENTINA
12	FOLHA DE SÃO PAULO	11/01/1980	BRASIL
12	NÃO IDENTIFICADO	22/08/1978	BRASIL
12	NÃO	23/8/1978	BRASIL

	IDENTIFICADO		
12	FOLHA DE SÃO PAULO	25/08/1978	BRASIL
13	O ESTADO DE SÃO PAULO	05/12/1978	BRASIL
13	O ESTADO DE SÃO PAULO	10/08/1978	BRASIL
13	O ESTADO DE SÃO PAULO	11/08/1978	BRASIL
13	O ESTADO DE SÃO PAULO	29/09/1982	BRASIL
13	O ESTADO DE SÃO PAULO	08/12/1978	BRASIL
13	O ESTADO DE SÃO PAULO	07/11/1978	BRASIL

Tabela 3 – Relação de religiosos acusados de convivência com o Regime Militar – Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas (CONADEP).

Mons. Pio Laghi	Italiano. Nuncio Papal
Mons. José Miguel Medina	Vicario Mayor del Ejército
Mons. Juan Carlos Aramburu	Arzobispo de Buenos Aires. Cardenal y presidente de la CEA
Mons. Antonio Plaza	Obispo de La Plata
Mons. Ildelfonso Sansierra	Obispo de San Juan
Mons. Rómulo Garúa	Obispo de Mar del Plata
Mons. Octavio N. Derisi	Rector de la UCA y Obispo Auxiliar de La Plata
Mons. Guillermo Bolatti	Obispo de Rosario
Mons. Antonio Quarracino ¹⁵⁰	Obispo de Avellaneda. Presidente del CELAM.
Mons. Carlos Mariano Pérez	Obispo de Salta
Mons. Raúl Primatesta	Obispo de Córdoba
Mons. Rubén Di Monte	Obispo Auxiliar de Avellaneda
Mons. Jorge Meyer	Obispo de Bahía Blanca
Mons. Emilio Ogñenovich	Obispo de Mercedes
Mons. Horacio A. Bozzoli	Obispo Auxiliar de Buenos Aires y luego Obispo de Tucumán
Mons. Pedro A. Torres Farsas	Obispo de Catamarca
Mons. Jorge Manuel López	Obispo de Corrientes y luego de Rosario
Mons. Elso Desiderio Collino	Obispo de Lomas de Zamora
Mons. Manuel Guirao	Obispo de Orán, luego de Santiago del Estero
Mons. Italo Di Stéfano	Obispo de Roque Sáenz Peña y luego, Obispo de San Juan

¹⁵⁰ Foi também Arcebispo de Buenos Aires e Presidente da Conferência Episcopal Argentina.

Mons. Jorge Carlos Carreras	Obispo de San Justo
Mons. Juan Rodolfo Laise	Obispo de San Luis
Mons. Adolfo R. Arana	Obispo de Santa Rosa